BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS


# A CABRA
## Jornal Universitário de Coimbra

Nº87 17 de Dezembro de 2002 **Quinzenal** **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**


DOM Dinis

Universidade

## "Promiscuidade dos espaços"

**A falta de espaço continua a ser uma dor de cabeça no dia-a-dia de quem estuda e pratica desporto na FCDEF. O Estádio Universitário é insuficiente e as soluções não surgem.**

PÁGINA 8

# Coimbra 2003: Que Cultura?




A pouco mais de um mês do início da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, A CABRA falou com José Sasportes, Augusto Santos Silva, Abílio Hernandez, Mário Nunes, João Maria André, Eduardo Prado Coelho e Vasco Pulido Valente acerca das expectativas que rodeiam este evento.

PÁGINAS 12 E 13

Academia

### Victor Hugo Salgado em entrevista

O presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra comenta o estado da política educativa, as eleições para a reitoria e o futuro da mais antiga academia do país.

PÁGINA 10

Destaque

### Demissões na AAC/OAF

Depois do treinador João Alves ter batido com a porta, foi a vez da direcção da AAC/OAF se demitir em bloco.

PÁGINAS 2 E 3




## Cartão amarelo a Pedro Lynce

**Estudantes da Universidade de Coimbra entupiram algumas das principais artérias do centro da cidade de Lisboa, num protesto que pecou pela falta de mobilização. Ao todo, foram 250 os que se deslocaram da Lusa Atenas para a capital, a que se juntaram mais 100 estudantes de algumas faculdades de Lisboa.**

PÁGINA 7

Depois de João Alves

# Direcção demite–se em bloco

**A Académica atravessa uma crise quase ímpar em todo o seu historial. Após a saída da direcção, João Moreno avança, evitando o vazio de poder. Entretanto, surgem já novas caras dispostas a ir a eleições.**

NUNO DIAS
ANA MARIA OLIVEIRA
RUI PESTANA

O ex–presidente da Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol, Campos Coroa, anunciou em conferência de imprensa, acompanhado pelos restantes elementos directivos, a demissão em bloco da actual Direcção do clube, que passou a ser dirigido por uma Comissão Administrativa até à realização de eleições.

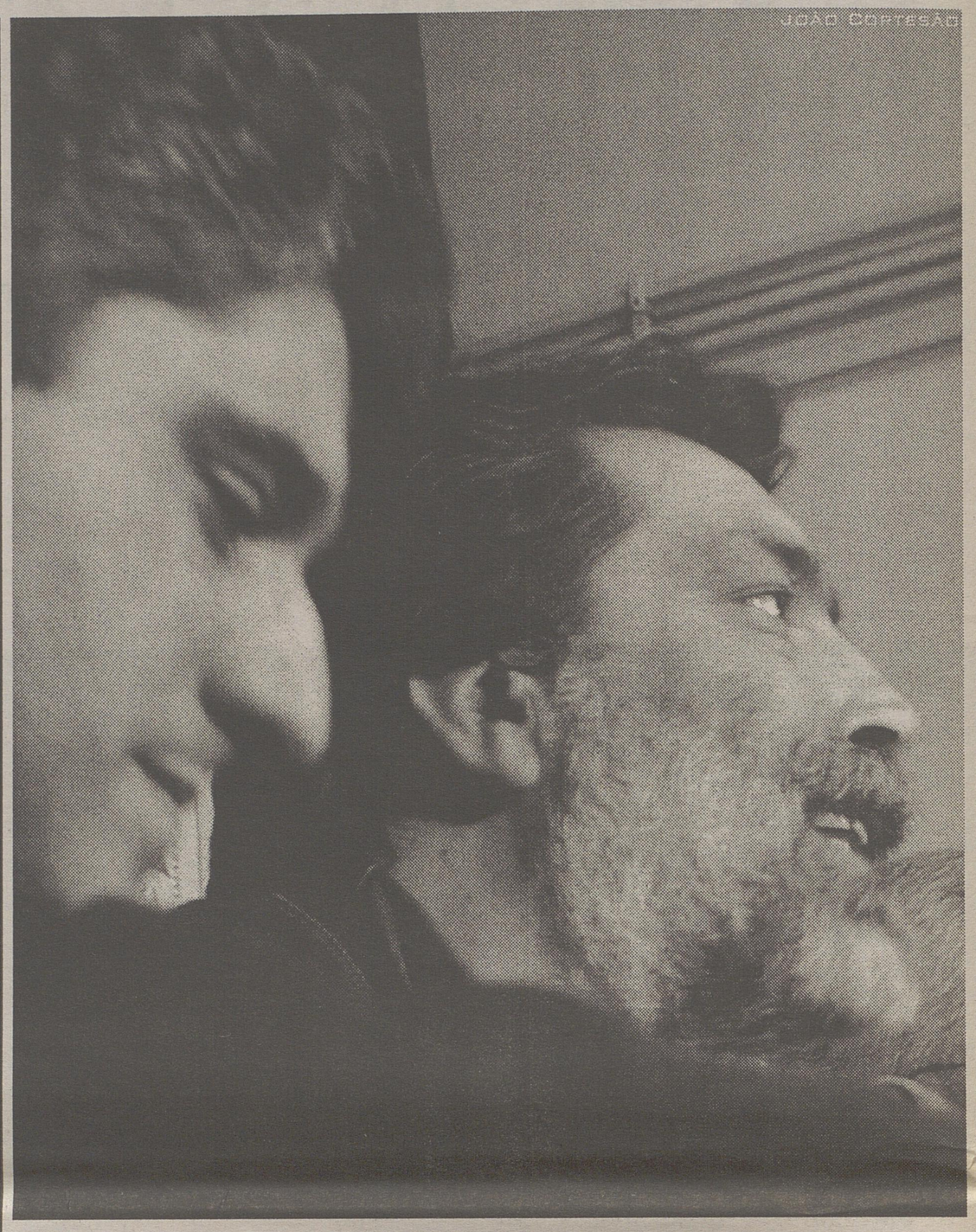
Na hora do abandono, Campos Coroa afirmou que deixa o clube "cravadinho de facadas nas costas", dizendo que na altura certa revelará de onde vieram. Entretanto, João Moreno, antigo presidente dos estudantes vai presidir à Comissão de Gestão até à ratificação do seu nome em Assembleia Geral. Na ocasião serão também ratificados os elementos que o irão acompanhar. Segundo apurou A CABRA, João Moreno vai fazer-se acompanhar de mais 12 nomes, até que sejam eleitos os novos corpos sociais. O actual líder do clube tem encetado esforços no sentido de reunir um grupo forte, onde se destacam as presenças de antigos dirigentes da Briosa e de alguns empresários.

Assim, a Moreno juntam–se João Pedro Parreira, Álvaro Amaro, Vasco Gervásio, José Eduardo Simões, Alfredo Castanheira Neves, Nuno Castanheira Neves, José Barros (actual responsável pelo Departamento Médico do clube), Fernando Avidago, João Bandeira, João Francisco Campos (elemento da Mancha Negra), Ricardo Castanheira e Gabriel Bastos.

Quanto a funções, João Pedro Parreira e José Eduardo Simões repartem responsabilidades na área financeira, contando com a colaboração de José Maria Cardoso, actualmente a colaborar no processo de transição. O Departamento de Futebol será composto por Vasco Gervásio (equipa principal), Nuno Castanheira Neves (Académica-B) e Fernando Avidago (formação).

Uma reunião está prevista para dia 3 de Janeiro, a partir do qual se iniciará o período de 45 dias necessários para eleger os novos corpos dirigentes. Desta forma, já apareceram alguns nomes para liderar os destinos da Briosa. De um lado temos João Moreno que já afirmou publicamente não ser candidato e, do outro, António Rochette e o ex–jogador Dimas, que já afirmaram vir a entrar na corrida para o próximo acto eleitoral.

Perante este cenário, a oposição à recente gestão de Campos Coroa levantou um sem–número de críticas à nomeação de João Moreno. Contudo, e apesar dos comentários negativos, a Comissão de Gestão liderada pelo médico João Moreno já liquidou os salários relativos ao mês de Setembro.



JOÃO CORTESÃO

Ao fim de sete anos, Campos Coroa abandona a Direcção da Briosa

João Alves cumpre a palavra

## "Luvas pretas" rescinde contrato

**João Alves não aguentou mais e fez aquilo que havia ameaçado. Após ter dado a sua palavra de honra aos jogadores em como os salários iriam ser pagos, acabou por tomar uma posição sentida com tristeza em todo o clube.**

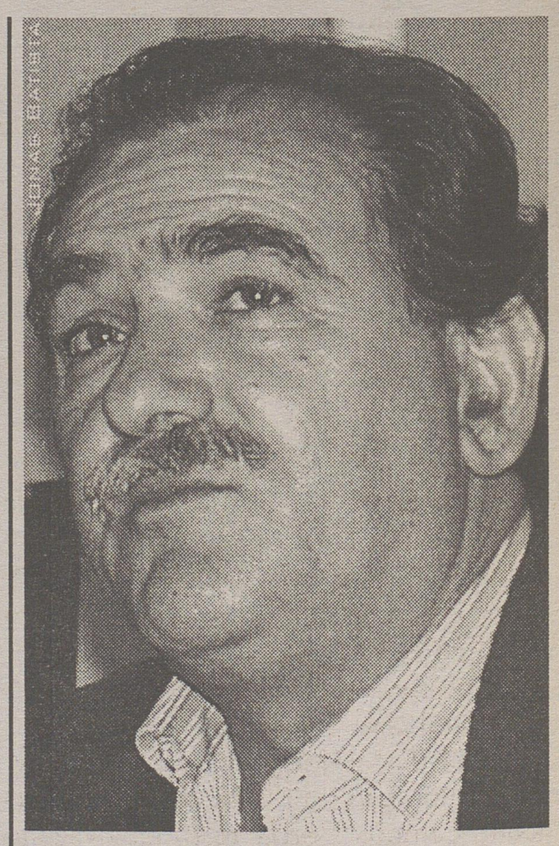
Depois do jogo frente ao FC Porto, João Alves anunciou a sua rescisão de contrato com a Académica, juntamente com o técnico–adjunto Pedro Barny.

Desiludido e com muita mágoa, o "luvas pretas" abandona a equipa com alguma revolta e frustração depois do que se tinha passado nas últimas semanas. O ex–técnico já havia apontado uma data limite para ver as situações contratuais dos jogadores regularizadas. No entanto, a direcção foi incapaz de resolver esta situação até à data prometida. João Alves confessou ter esgotado a sua paciência com a situação financeira do clube, dizendo mesmo que "os dirigentes, principalmente o presidente, podiam ter conduzido isto de outra forma".

O homem que conseguiu levar a Briosa ao primeiro escalão do futebol português, acaba por deixar o clube no último lugar da tabela classificativa, enaltecendo, porém, a atitude dos jogadores: "Têm sido uns campeões. Deram tudo e acreditaram em mim, só que a partir do momento em que os cheques foram devolvidos deixei de ter condições para ficar à frente do grupo de trabalho."

Na hora da despedida, o antigo treinador da Briosa deixa um alerta à futura Direcção: "Este clube tem de ter uma política desportiva com outra organização e outras estruturas, para poder ser um clube com a dimensão que merece".

Para já, a única certeza é que quem vai continuar a orientar a equipa será o antigo treinador de guarda–redes, Vítor Alves. No entanto, o treinador que fez parte da Académica durante vários anos já adiantou que não pretende ser o técnico principal da equipa: "Estamos à espera que um novo treinador entre nesta casa, eu apenas quero trabalhar em prol do clube".



JOÃO BATISTA

João Alves triste na hora do adeus

## Reacções

Alguns jogadores da equipa demonstraram compreensão pela grave situação que o clube atravessa. O capitão dos estudantes, Dário, lamentou a saída de João Alves: "É triste o treinador abandonar a equipa de futebol, porque a direcção não cumpriu o que tinha acordado". Para o avançado moçambicano, o treinador apenas "cumpriu a sua palavra, como sempre cumpriu connosco".

Para Lucas, a situação é aborrecida, mas salienta que "as pessoas estão a fazer tudo para tirar o clube desta situação" e espera que "todas as dificuldades venham a ser ultrapassadas".

## Percurso

Foi com muitas alegrias e tristezas que João Alves viveu 23 meses em Coimbra. Chegou à equipa dos estudantes a meio da época de 2000/01 e fez uma excelente campanha, terminando a época na 8ª posição. Depois, em 2001/02, orientou a equipa durante toda a temporada, levando a Briosa ao topo do futebol português. Agora, ao fim de 12 jornadas, não aguentou os problemas financeiros que o clube atravessa e demitiu–se.

| Época | Escalão | Jogos | Vitórias | Empates | Derrotas | Posição |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **2000/01** | II Liga | 19 | 8 | 5 | 6 | 8º |
| **2001/02** | II Liga | 34 | 17 | 11 | 6 | 3º |
| **2002/03** | SuperLiga | 12 | 1 | 5 | 6 | 18º |

João Moreno traça um esboço da nova Académica

# "Vim apagar um fogo"


JOANA MOREIRA

João Moreno define objectivos

**O actual presidente da Comissão de Gestão da Briosa já tomou as primeiras decisões para criar uma imagem nova do clube. O pagamento dos salários do mês de Setembro foi o primeiro passo, numa caminhada até às eleições em Março, altura em que pretende entregar o clube ao sucessor de Campos Coroa.**

Após a derrota com o Moreirense, João Moreno recebe uma chamada de Campos Coroa. Do outro lado da linha, o ainda presidente da Académica, pede–lhe auxílio, dada a situação de instabilidade em que se encontra o clube. No passado dia 11 de Dezembro, e com o evoluir da situação, a Direcção demitiu–se em bloco. Ainda nesse dia João Moreno foi convidado a presidir à Comissão de Gestão.

Aceitou. No entanto, sublinha: "Vim aqui apenas para prestar um serviço. Tal como um bombeiro, eu vim apagar um fogo." Sobre a polémica que se levantou em torno desta sucessão, e que muitos comparam a uma passagem de testemunho ao próximo presidente da Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol (AAC/OAF), diz que se sente ferido: "Não admito que atinjam a minha dignidade profissional". Alega ainda que o acto da assinatura teria sido presenciado por um professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC), para verificar a sua legalidade: "Não estamos a brincar com crianças, ele é que redigiu os termos em que eu havia de tomar posse!"

O antigo presidente da Briosa sente–se triste com alguns académicos: "Apareceu alguém a dizer que estava disponível, alguém com uma caneta e livro de cheques? Estou ofendido na minha dignidade!"

Questionado se gostaria de voltar a ser presidente da Académica, João Moreno é categórico: "Definitivamente não! Já o fui muitas vezes, não tenho o mínimo de ambição, nem pretendo fazer carreira. Vim num prazo específico de tempo e com objectivos pré–definidos".

Até ao próximo acto eleitoral, o actual presidente da Comissão de Gestão tem como objectivo principal recuperar a imagem do clube, dando–lhe uma nova organização financeira e desportiva que de alguns anos para cá estava ultrapassada. Para já, João Moreno salienta que o dinheiro dos salários é "um dinheiro de socorro imediato. Depois há toda uma reestruturação tendo em vista uma estabilidade financeira".

Passando ao futebol nas quatro linhas, o antigo presidente da equipa dos estudantes está confiante na manutenção na Superliga: "Acredito que se pusermos isto a funcionar bem e se toda a gente se entender, o resultado desportivo aparece. Há aqui uma sintonia que também depende da bola entrar ou não". No entanto, salienta que sem dinheiro as dificuldades serão muito maiores para manter a equipa numa posição digna do seu historial. Com isto, João Moreno afasta a possiblidade da saída de alguns jogadores–chave na abertura do mercado em Dezembro: "Não vamos resolver os problemas financeiros à custa da alienação do património desportivo. Excepção àqueles que são encargos financeiros para a instituição e não nos dão rendimento".

No que diz respeito a possíveis contratações, não descarta a possibilidade de um relacionamento mais próximo com o F.C Porto: "É um clube ao qual estamos gratos. Mas uma coisa é estarmos gratos, e outra é sermos submissos. Quanto mais relações tivermos com mais clubes, melhor".

## O desejado

Artur Jorge é o mais que provável novo técnico da Académica. No passado fim–de–semana assistiu à segunda vitória da equipa dos estudantes frente ao Santa Clara a convite de João Moreno, presidente da Comissão de Gestão. O treinador português com maior currículo não se extendeu nos comentários, limitando–se a dizer que se sente honrado pelo convite. Nesta altura as negociações continuam a bom ritmo, mas João Moreno mostra–se mais confiante e, além de qualificar Artur Jorge como um "histórico" das páginas do clube, considera-o como "a única hipótese para o lugar de técnico".

António Rochette comenta período difícil da Briosa

# "Isto já não vai com paninhos quentes!"

**Na sua recheada agenda, António Rochette "encaixou" A CABRA entre os seus compromissos universitários e uma deslocação a Leiria para jantar com Dimas. Queixa–se que anda sem tempo, que a sua vida se divide entre a universidade e a Académica.**

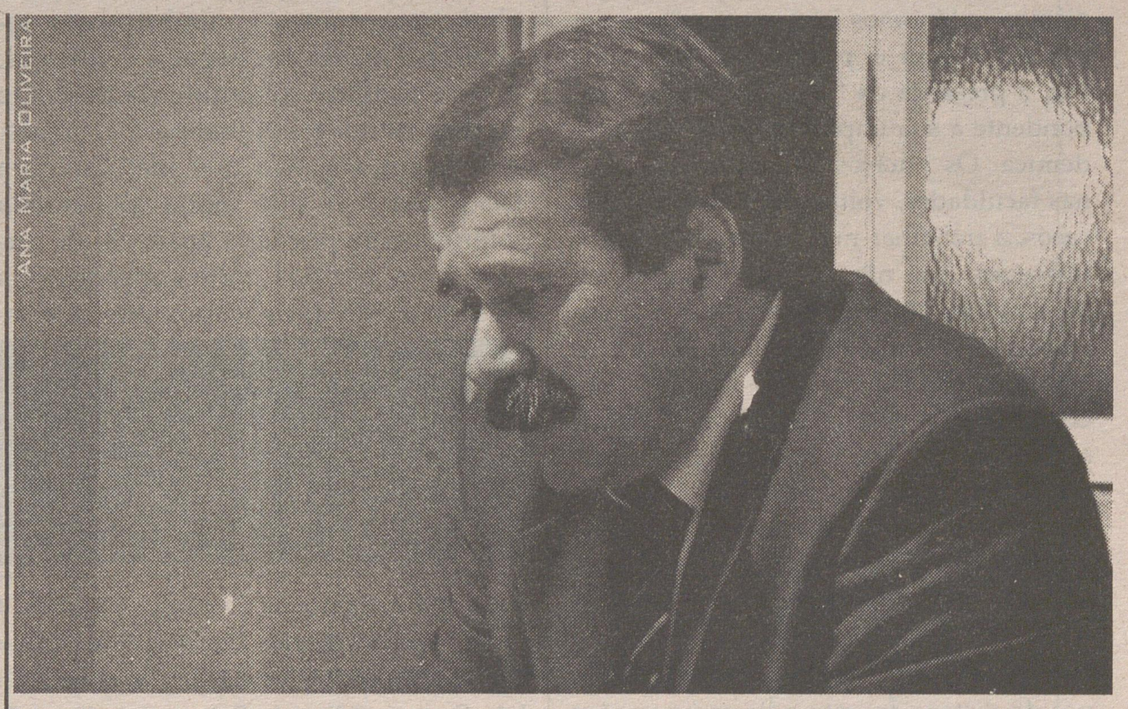
Após a demissão de Campos Coroa, uma Comissão de Gestão tomou as rédeas da Académica de Coimbra. Com eleições previstas para Março, António Rochette perfila–se como candidato à Direcção do clube.

O homem que vem do Conselho Desportivo da Associação Académica de Coimbra para ajudar o Organismo Autónomo de Futebol (AAC/OAF), já estava à espera desta crise: "Escrevi sobre isso. Adivinhei em Junho a queda do Alves e a crise económica. No nosso grupo temos gente ligada à economia, fizemos os cálculos e antevimos problemas."

António Rochette aponta como principal erro o facto de não se ter feito uma discussão sobre o projecto de reestruturação do OAF. As divergências com Campos Coroa restringem–se ao campo da gestão pois sempre o teve como amigo: "Mesmo com todos os erros que cometeu, ele foi presidente eleito do OAF e temos que lhe prestar homenagem... Mas isso agora é passado, acho que devemos pensar no futuro."

Na sua opinião, a melhor solução para a Académica passaria por um esforço da direcção em manter–se em funções até à data da próxima Assembleia Geral (AG). "Acho que João Moreno entrou de uma forma pouco correcta. Achei toda esta situação muito estranha", afirma. Assim, o dia 20 de Dezembro parece–lhe uma data lógica para que todos se entendam em AG, para o bem do clube.

O telemóvel de António Rochette não pára de tocar. A comunicação social já o vê como candidato à presidência da Briosa. O académico confirma: "Nós vamos avançar. Senão era permitir uma situação no mínimo estranha!". Mas certezas, para já, só quanto ao projecto financeiro. No que toca a nomes resguarda–se dizendo que a académica tem muitos amigos: "Neste momento está tudo em aberto. Tanto posso ser o número um como o dois ou o sete..." Realça, no entanto, a solidez de um projecto financeiro amadurecido durante mais de um ano, um trabalho que começou com três pessoas e já vai em 50.


ANA MARIA OLIVEIRA

António Rochette defende o renegociar de vencimentos

António Rochette não adianta muito mais, tem o discurso bem interiorizado e não se afasta da sua linha de pensamento. Se fosse eleito diz que a sua primeira medida seria renegociar os vencimentos dos jogadores: "As pessoas estão a ganhar muito e a Académica não tem condições para pagar." Renegociação das dívidas e dos contratos, são as sugestões para quem estiver à frente dos destinos do clube. Salienta que o reequilíbrio das finanças é o fundamental neste momento, mesmo se isso passar por medidas de choque: "Isto já não vai lá com paninhos quentes!"

OPINIÃO

EDITORIAL EMANUEL GRAÇA

## Unir para conquistar

Na passada quinta–feira, Santana Lopes, presidente da Câmara Municipal de Lisboa afirmava, em entrevista à Visão, que se "pudesse fechar o Marquês ao trânsito, era um homem feliz". Nesse mesmo dia, em protesto contra os cortes orçamentais previstos para o Ensino Superior em 2003, estudantes da Universidade de Coimbra conseguiam essa proeza, lançando o caos no trânsito alfacinha.

Porém, e apesar do relativo sucesso mediático que a iniciativa obteve, a realidade não passava em branco a ninguém. "A produção era grande e bem conseguida e o que não passaria de uma pequena acção de contestação acabou por se tornar num protesto vistoso e de significativas consequências" para quem circulava, nesse final de tarde, no centro de Lisboa, escrevia no dia seguinte Isabel Leiria, jornalista do Público. Ou seja, foi apenas um excelente "coelho" retirado da cartola da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) já em plena capital que permitiu que uma manifestação que, inicialmente, parecia destinada ao fracasso, fosse encarada como uma vitória.

Mas, em Coimbra, a realidade continua a ser outra. A realidade de uma DG/AAC que não trabalhou o suficiente para levar a Lisboa o estudante comum, a realidade de uma DG/AAC que apenas conseguiu levar ao protesto uma parcela

> " A presença de quem afirma representar os estudantes era assim... diminuta"

irrisória da comunidade estudantil conimbricense. No entanto, a culpa espalha–se. Sem sair do edifício da Padre António Vieira, também as secções e organismos autónomos não conseguiram ser solidários com o protesto e, mais uma vez, a presença da "casa" não foi correspondente à sua importância na vida académica. Os núcleos, extensões da AAC nas faculdades, voltaram, na maioria dos casos, a trabalhar mal, rendidos a outros interesses que não os estabelecidos em Assembleia Magna. Apesar de estarem presentes alguns presidentes e outros membros efectivos, a presença de quem afirma representar os estudantes era assim... diminuta. No fundo, todos as estruturas ligadas aos estudantes da Universidade de Coimbra estiveram longe de cumprir o seu papel como locais de discussão e reivindicação por excelência.

Se o actual momento de contestação não é o melhor, o certo é que não é através do distanciamento e de comparações aos anos aúreos de luta contra as propinas que a mobilização poderá alguma vez melhorar. É necessário um trabalho activo, permanente e, acima de tudo, dedicado e convicto (apesar de muitas vezes infrutífero) de todas as estruturas da academia para que, tal como em 1998, mais de 10 mil estudantes voltem a manifestar–se em frente da Assembleia da República pelas necessárias mudanças no Ensino Superior público em Portugal.

# Um instrumento estratégico para a cidade

ABÍLIO HERNANDEZ CARDOSO

Estas considerações partem do pressuposto de que a Capital Nacional da Cultura constituirá um instrumento relevante para pensar e preparar a próxima década da cidade, instituindo–se assim como um instrumento valioso na construção de uma estratégia para a cidade. Quando o ministro Sasportes anunciou a criação das Capitais Nacionais da Cultura, deixou claro que a iniciativa representava uma intervenção estratégica em matéria de política cultural, visando com elas a transformação do panorama cultural português através de mudanças significativas na forma como as cidades se afirmam no plano cultural, económico e social. Realizadas com regularidade adequada à dimensão do país e às suas capacidades financeiras, distribuídas com critério pelas diversas regiões do território nacional, protagonizadas por cidades de dimensão média ou até de pequena dimensão, as Capitais Nacionais da Cultura podem contribuir para diminuir assimetrias e para, a médio prazo, desenhar um mapa mais dinâmico e mais equilibrado da realidade cultural portuguesa. Dentro deste objectivo estratégico mais vasto, as Capitais Nacionais da Cultura devem representar ocasiões privilegiadas para proceder a uma reflexão consequente sobre a cidade, bem como sobre as práticas sociais e culturais que nela têm lugar. Devem, além disso, conduzir a uma avaliação rigorosa da natureza das políticas e do alcance que elas têm na vida dos cidadãos e constituir, por este conjunto de razões, um instrumento valioso entre os vários que se integram numa visão estratégica da cidade.

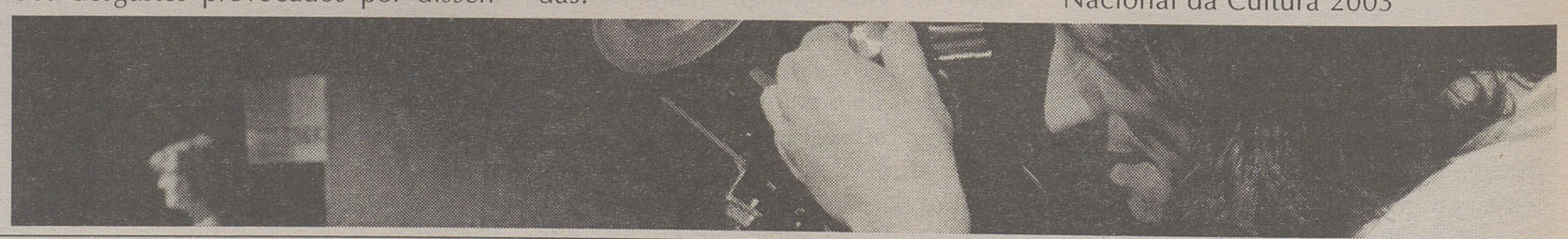
Coimbra passou, durante as últimas décadas, por um período de estagnação e ensimesmamento, que se tornou evidente para a generalidade do país, ainda que muitos conimbricenses tenham persistido em negar a evidência. A crise resultou sobretudo da ausência de uma estratégia global para a cidade. A imagem negativa que (de) Coimbra (se) criou tem sido ainda alimentada internamente por uma ausência de auto–estima, em boa parte consequência dos desgastes provocados por dissenções e conflitos internos que se têm muitas vezes sobreposto aos interesses da cidade e dos seus cidadãos. É por isso urgente a adopção de decisões estratégicas, justas e adequadas para a cidade, não só com a consciência da centralidade que Coimbra teve no contexto nacional ao longo da história, enquanto lugar de referência cultural e científica, mas sobretudo com a percepção das potencialidades que a cidade alberga e mantém intactas, e com a convicção da necessidade de superar uma crise que não é apenas prejudicial para a cidade mas também para o próprio país.

É por estas razões que o projecto da Capital Nacional da Cultura deve ser entendido como um desafio: à nossa capacidade de planear, de tomar decisões e de agir, de viver o presente e, sobretudo, de projectar o futuro da cidade. É por isso, também, que os primeiros objectivos da Capital da Cultura são reactivar e desenvolver a identidade de Coimbra enquanto cidade do pensamento e pólo de contemporaneidade, significando com este desígnio relançar Coimbra como cidade aberta à região, ao país e ao mundo. Neste sentido, a Capital Nacional da Cultura deve constituir o ponto de partida de uma corrida de fundo, pensada pelo menos para o prazo de dez anos. 2003 pode representar a festa, a libertação de uma criatividade que recupere os níveis de auto–estima, um conjunto plural e moderno de actividades culturais e científicas de nível elevado. Mas a festa não se esgota no efémero nem na auto–contemplação. Deve deixar um rasto, uma marca que permaneça. A festa da Capital deve, sobretudo, trazer à cidade uma dinâmica cultural que se manifeste na emergência de novas e variadas formas de criação artística e de fruição crítica, que contribua para a produção de projectos inovadores, que tenha a preocupação de formar profissionais qualificados na área das indústrias da cultura e do lazer, e que fomente o aparecimento de novos públicos capazes de protagonizar e prolongar as dinâmicas entretanto criadas.

Uma cultura de cidade baseia–se na participação activa dos seus cidadãos e na busca de modos mais ricos de viver o quotidiano. Esta participação representa o contexto adequado à introdução de elementos de modernização no tecido socio–económico da cidade, através da criação de novos empregos e da fixação na cidade de jovens profissionais. Este é um domínio em que os parceiros da Capital Nacional da Cultura podem desempenhar um papel de relevo, contribuindo, em colaboração com todos os sectores da vida activa da cidade, em especial o ensino e o mundo empresarial, para o redimensionamento global de Coimbra e para o enriquecimento da qualidade de vida dos seus cidadãos.

À festa de 2003, há que acrescentar o objectivo essencial de lançar os projectos de equipamentos culturais que Coimbra ainda não possui. São eles que ficarão para albergar os novos projectos, os novos profissionais e os novos públicos, e que representarão os novos ícones de uma cidade em renovação. São eles também que deverão permanecer, no futuro, associados a todo um trabalho de recuperação e dignificação do centro histórico da cidade, do seu património arquitectónico, cultural e natural. Se realizarmos estes objectivos, Coimbra estará em condições de terminar a década de modo afirmativo, conquistando o estatuto de terceira Capital Europeia da Cultura a que Portugal terá direito. Esta é, no campo da cultura, a grande corrida de fundo que Coimbra tem que vencer. Temos que ter consciência de que só o conseguiremos à custa de esforço, ambição e coragem para aceitar mudar as zonas mais sombrias da nossa imagem. Se a Capital Nacional da Cultura se afirmar como esse ponto de partida, terá cumprido o seu papel numa viagem que revelará Coimbra como a cidade do pensamento e da acção, e como o pólo de uma contemporaneidade imprescindível para a vida e o futuro do próprio país.

* Presidente da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003



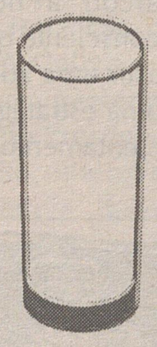
**Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal** nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
**Ficha Técnica: Director:** Emanuel Graça **Director Gráfico:** Rafael Bidarra Rodrigues **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Universidade e Academia:** Guilherme Oliveira **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Redacção:** Adriana Silva Afonso, Aida Lima, Anselmo Câmara, Carina Valério, Cecília Santos, Daniela Pereira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, João Pedro Marques, Jonas Batista, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luísa Bourbon, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Maria João Lopes, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Patrícia Batista, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Rui Caniço, Rui Justiniano, Sara Martins, Sérgio Alves, Sónia Nunes, Sílvia Matos, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Ana Claúdia Cardoso, Ana Oliveira, António Gil Leitão, Carla Pinto, Cristina Bastos, Cristina Lopes, Daniela Rodrigues, Diana Catarino, Diana Mota, Diana Ramos, Fátima Pinto, Isabel Oliveira, Joana Moreira, Joana Montenegro, Lurdes Lagarto, Nuno Felício, Margarida Matos, Marília Frias, Marta Varandas, Patrícia Abreu, Patrícia Vic, Paulo Alexandre Teixeira, Pedro Santos, Rita Delille, Rita Loureiro, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sílvia Madeira, Sofia Carvalho, Sofia Marques, Soraia Letra, Susana Baptista, Susana Marto, Susana Sampaio Dias, Vitor Aires **Fotografia:** Francisca Moreira, Maryline Alves, Pedro Sá e Sousa, Sofia Cruz **Publicidade:** Pedro Correia, 965821301/239821554 **Impressão:** Coraze S.A. **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

PUB

durante a latada mais de 50 mil atravessaram o rio.

e tu?

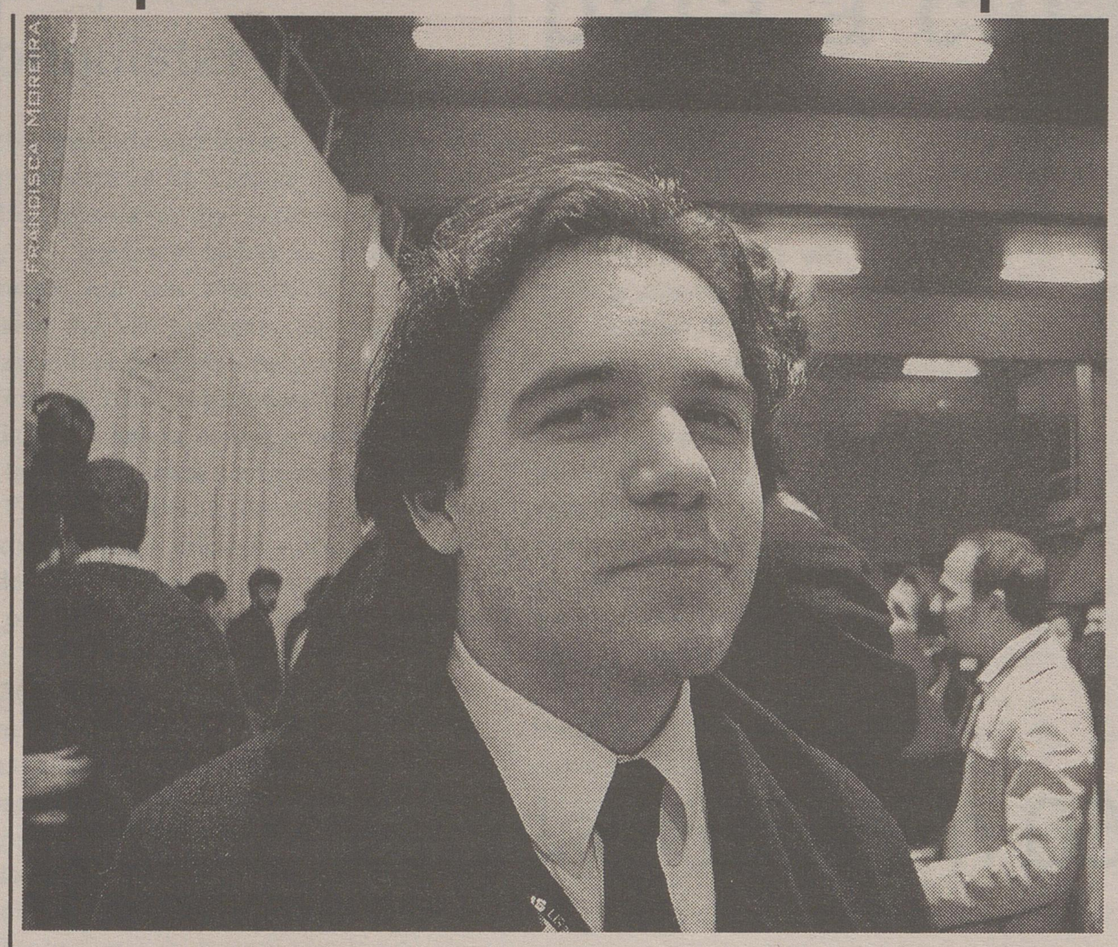
aberto de 4ª a sábado



scotch
coimbra

Victor Hugo Salgado faz o ponto da situação

# "Aproxima–se um período quente"




"Não foi uma adesão tão fraca", refere relativamente à última manifestação

**Ainda não confirmada, a tomada de posse da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) está prevista apenas para o dia 16 Janeiro, mas a nova equipa já começou a trabalhar.**

DIANA CATARINO
GUILHERME OLIVEIRA

Quando se aproxima o final de um ano conturbado, Victor Hugo faz o balanço da contestação levada a cabo pela DG/AAC na parte final do seu primeiro ano de mandato. A antevisão de um ano de 2003 agitado e o perfil do novo reitor da Universidade de Coimbra (UC) são questões que preocupam o dirigente associativo.

**Que rescaldo fazes da manifestação do passado dia 12?**

Esta era uma manifestação de Coimbra em Lisboa, como foi decidido em Assembleia Magna (AM). Tivemos cerca de três vezes mais estudantes de Coimbra em relação à última, que não foi uma manifestação de Coimbra, mas sim uma manifestação de alguns estudantes de Coimbra que quiseram manifestar-se com algumas associações e não com o movimento associativo nacional. Esta manifestação não teve a adesão que todos queríamos - penso que devido ao facto de o acto eleitoral estar ainda muito próximo e de existir algum cansaço - , mas marcou a nossa posição. A DG/AAC, consciente que possivelmente não iria existir uma adesão significativa, apostou numa estratégia para mostrar o seu descontentamento. Daí que, depois do acto eleitoral, tenhamos começado a trabalhar. Decidimo–nos por um cordão humano e por desenrolar uma faixa de 20 por 25 metros em frente da Assembleia da República. Mas não foi assim uma adesão tão fraca, quando comparada com iniciativas que já se desenvolveram em Lisboa no passado.

***O que esperas do novo reitor?***

Um reitor à imagem da UC. Há questões que são fundamentais para que a DG/AAC venha a apoiar qualquer candidato. Em primeiro lugar, a necessidade da continuidade da paridade nos orgãos, até porque muitas vezes são os estudantes que fazem com que haja quorum nos orgãos que integram.

Mais do que isto, espero a defesa da regulamentação da Carta de Direitos e Deveres [do Estudante da UC], pois queremos algumas premissas bem definidas. Uma delas é a questão da avaliação. Para além disso, pretendemos a aprovação com a maior brevidade do estatuto do atleta de alto rendimento. Também queremos a uniformização da situação do dirigente associativo.

É também fundamental que o próximo reitor, aquando da regulamentação do Estatuto da Carreira do Docente Universitário (ECDU), tenha uma palavra forte para que a componente pedagógica passe a contar para a progressão na carreira. Se isto acontecer, terá que existir uma avaliação dos professores o que trará a resolução de alguns problemas e uma melhoria da qualidade do ensino.

Também é necessária uma posição firme em relação à nova Lei de Organização e Ordenamento do Ensino Superior. Nos moldes em que se enquadra o actual funcionamento e financiamento do Ensino Superior, uma gestão coerente das instituições, que permite um saldo final positivo, é prejudicada relativamente a uma outra que apresente saldo negativo, porque o saldo positivo irá passar para o ano seguinte e será descontado no seu orçamento. Por outro lado, a instituição com saldo negativo vai obter o saldo negativo e o saldo do ano seguinte na totalidade.

Para além disso, o próximo reitor da UC deve repudiar totalmente o aumento das propinas. Outra questão que queremos ver salvaguardada é a ligação com a sociedade. A UC não tem ligação com a sociedade, em primeiro lugar na informação aos alunos que vão ingressar no Ensino Superior e depois na saída para o mercado de trabalho.

**Dos dois candidatos que já se assumiram, revês o perfil que traçaste?**

É dificil dizer. Ainda não tive a possibilidade de discutir todas estas questões. Contudo, não me vou pronunciar agora, apesar de o ir fazer mais tarde. É necessário marcar uma reunião com eles para agendar datas, para que, depois dos debates, a AAC, se todos os estudantes quiserem tomar uma posição, demonstre o apreço por um dos candidatos, o que não quer dizer que depois não possamos vir a repudiar qualquer tipo de posição que o candidato, enquanto tal ou já como reitor, possa vir a tomar.

**Que postura será tomada nos ENDAs pela AAC?**

O futuro é o que definimos enquanto candidatos à DG/AAC e na continuidade da postura que tivemos durante o ano passado. Sabemos que existe um movimento ao nível nacional no qual a AAC não se revê porque é uma oposição ao governo. A academia de Coimbra tem como objectivo principal a criação de uma plataforma de academias, onde possam ser discutidas questões e onde se defendam os interesses dos estudantes.

**Quanto à revisão dos Estatutos da AAC, quais os projectos da Direcção Geral?**

A DG/AAC tem uma série de questões a levantar. Em primeiro, quer tornar muito mais visível a estrutura da DG/AAC nos estatutos, acrescentando, por exemplo, a função do administrador, apresentando o alargamento dos vice–presidentes.

Para além disso, tentar criar uma maior especificidade por parte dos estatutos do regulamento eleitoral que muitas das vezes falha por escassez de objectividade e informação em relação a certos pormenores.

Depois, inserir o Regulamento Interno da Queima das Fitas como anexo e fazê–lo constar enquanto ponto de regulamentação da própria comissão. Para além disso, tentar primar por algumas questões no que toca sobretudo aos núcleos e esclarecer também alguns pontos devido às violações dos Estatutos da AAC que aconteceram uma ou duas vezes durante o último mês.

**Quais as grandes apostas desta DG/AAC para o futuro?**

O objectivo fundamental é continuar a aproximar a academia às faculdades e as faculdades à academia. Vamos desenvolver actividades nas faculdades e através dos núcleos, tentando concretizar duas iniciativas à semelhança do fórum que decorreu em Fátima. Queremos ainda, através dos núcleos, continuar a promover mais debates e mais RGA´s. A nível de trabalho directo com os núcleos indigitámos uma pessoa que vai ficar responsável por esse contacto com o objectivo de promover quinzenalmente uma reunião com todos os indigitados. Queremos também fazer uma feira da AAC, reunindo todas as secções culturais, desportivas e núcleos no D. Dinis, na altura da iniciativa do "Vem conhecer a Academia". No sentido de puxar as faculdades à associação, vamos continuar a remodelação do edifício da AAC, nomeadamente no que concerne às questões de acessibilidade. Mais do que isto é importante continuar a marcar posições no plano externo.

## Contestação após Lisboa

Victor Hugo afirma que a manifestação em Lisboa foi "o encerrar de um período de contestação aos cortes orçamentais e à política de acção social". O presidente da DG/AAC acredita que a regulamentação do regime jurídico do desenvolvimento da qualidade do Ensino Superior, a nova lei do financiamento - e, consequentemente, a um possível aumento das propinas -, a redução da autonomia das instituições e, por fim, o novo ECDU serão as grandes questões a ser debatidas no próximo ano. O dirigente associativo distingue dois problemas: o governo estar voltado para uma contratualização, querendo criar uma paridade entre o ensino público e privado, e o ministério de Pedro Lynce ter por objectivo "não mais do que o aumento das propinas" como um possível financiamento directo ao estudante.

O aluno de Direito adianta que vai haver um "período quente de contestação" no próximo ano. "Estamos perante questões profundas que vão estabelecer a trave mestra para o Ensino Superior dos próximos vinte anos", conclui.

FOTO MONTEIRO
*Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis
*Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster
Revelação em 30 minutos
Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso
8 euros nas revelações de 24 fotografias + oferta de rolo e álbum

Protesto leva estudantes de Coimbra à capital

# A luta volta à rua

**Antes de irem para férias, os estudantes de Coimbra rumaram a Lisboa para deixar no sapatinho do Governo o seu descontentamento face à política educativa de Pedro Lynce. Durante cerca de 45 minutos a capital viu passar uma mancha de capas negras que empunhava cartões amarelos e gritava: "Ministro aprende, o ensino não se vende!"**

ADRIANA SILVA AFONSO
PATRÍCIA SANTOS BATISTA
DANIELA PEREIRA

A academia de Coimbra realizou no passado dia 12, em Lisboa, uma marcha de protesto contra as medidas do Governo em relação ao Ensino Superior. Às duas centenas e meia de estudantes da Universidade de Coimbra juntaram–se ainda cerca de 100 alunos de diversas faculdades e institutos de Lisboa. Em causa estava o aumento das propinas, as lacunas ao nível da acção social e o Orçamento de Estado para 2003.

A concentração estava marcada para as 10h00 no Largo D. Dinis. No entanto, duas horas depois era evidente a fraca mobilização dos estudantes para a manifestação. Perante o escasso número de pessoas reunidas, Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) referiu que "já esperava que não houvesse uma adesão tão significativa como houve na última manifestação em Coimbra". A época de frequências e a ressaca das eleições são os principais motivos apontados pelo dirigente associativo para a fraca mobilização para o protesto.

A caravana, composta por seis autocarros, chegou a Lisboa com mais de uma hora de atraso. À espera da AAC estava já cerca de uma centena de estudantes das faculdades de Ciências e Letras da Universidade de Lisboa, do Instituto Superior Técnico e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Os cerca de 350 estudantes, unidos ao longo de 400 metros de faixa negra, formaram um cordão humano que desfilou, numa marcha lenta, entre o Marquês de Pombal e S. Bento. A contestação acabou por ser ela própria contestada pelos automobilistas, com um forte buzinão, porque provocou problemas na normal circulação do trânsito. De alguns dos transeuntes ouviam–se frases como "isto é uma maluquice" e "se fossem mas é estudar."

O ponto alto da manifestação ocorreu quando os estudantes chegaram à Assembleia da República (AR). Em frente ao edifício, e sob o olhar atento das forças policiais, os manifestantes assobiaram, mostraram um cartão amarelo ao Governo e desenrolaram sobre si uma faixa negra, onde se podiam ler algumas frases reivindicativas: "Para onde vão as propinas?", "Cortes, até quando?" e "Onde está a acção social?".

A única reacção do hemiciclo à presença dos manifestantes veio da parte de alguns elementos dos grupos parlamentares do PCP e do Bloco de Esquerda (BE), que desceram a escadaria da AR e se mostraram solidários com os estudantes (ver caixa).

Para Victor Hugo, o balanço desta manifestação é positivo, apesar de se ter registado uma menor afluência das outras associações, em comparação com a do dia 13 de Novembro. Contudo, salienta que "mais do que o número de pessoas, é importante avaliar a forma como a AAC marcou posição em Lisboa e também terminar este ano com um manifesto de descontentamento em relação à estratégia do Governo".

Por outro lado, a ausência da DG/AAC na última manifestação não foi esquecida. Para Inês Fernandes, membro da Direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, "fazia mais sentido protestar contra os cortes orçamentais há um mês atrás, quando o orçamento ainda não tinha sido aprovado". Por sua vez, Daniel Martins, candidato pela lista M nas últimas eleições para os corpos gerentes da AAC, garante que "há um mês as pessoas sentiam–se com mais força para vir até Lisboa". No entanto, Victor Hugo defende que "não há qualquer tipo de relação entre as duas manifestações". No regresso das férias de Natal "a academia de Coimbra irá continuar a lutar", assegura ainda o presidente da DG/AAC, que prevê que 2003 irá ser "um ano quente".


JONAS BATISTA

Uma faixa gigante entupiu algumas artérias de Lisboa

## Solidariedade à esquerda

Enquanto os manifestantes gritavam palavras de ordem contra a política educativa e financeira do Governo, Ana Drago, pelo BE, e Luísa Mesquita, pelo PCP, desceram as escadarias da AR para apoiarem a luta estudantil. "O cartão vermelho seria mais adequado. Está na altura de expulsar o jogador de campo", referiu Ana Drago. Já Luísa Mesquita é da opinião que um cartão amarelo demonstra "muito boa vontade" por parte dos estudantes, pois "a realidade é má, é negra. As matérias que estão em discussão põem em causa o próprio texto constitucional, que aposta na democratização da educação".

As deputadas garantem que estão a ser feitas todas as diligências, por parte dos seus partidos, para alterar a situação. Porém, para Luísa Mesquita, tal também "depende da intervenção dos estudantes e de todos aqueles que estiverem diponíveis para uma luta continuada".

Grupo Ecológico lança campanha

# "Ameaça Prestige"

**O afundamento do Prestige motivou o Grupo Ecológico da Associação Académica de Coimbra a mobilizar voluntários para auxílio ao desastre ambiental**

MARILYNE ALVES
NUNO FELÍCIO

Na sequência do afundamento do petroleiro Prestige ao largo da costa da Galiza, o Grupo Ecológico da Associação Académica de Coimbra (GE/AAC) deu início dia 10 de Dezembro a uma campanha de recrutamento de voluntários. Esta iniciativa propõe a participação na limpeza de praias e o tratamento das aves expostas aos efeitos da catástrofe.

A acção do GE/AAC será orientada em conjunto com o Instituto da Conservação da Natureza, a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, e o GAIA - Associação de Estudantes Ambientalistas de Lisboa. A cooperação efectiva do grupo começou a tomar forma no sábado passado através de uma acção de recrutamento e formação promovida pelo Parque Biológico de Gaia, com o apoio do Núcleo do Porto da QUERCUS.

O Grupo Ecológico deposita nesta iniciativa fundadas expectativas na participação estudantil. "Ficaríamos muito decepcionados se esta causa não sensibilizasse e não mobilizasse os estudantes da Universidade de Coimbra", declara Vasco Gouveia, membro do GE/AAC. A angariação de voluntários continua a decorrer e reuniu até ao momento cerca de 20 elementos. Para além deste trabalho de recrutamento, o GE/AAC tenciona, através da publicação de artigos e da realização de uma conferência, alertar a população para as questões ambientais e para a importância de "dar continuidade a este tipo de luta para evitar que situações destas se repitam". Para Ondra Pasek, membro do grupo deslocado ao local da catástrofe, a atitude das autoridades espanholas é também alvo de crítica e "tem vindo a limitar o trabalho das equipas de voluntários".

Apesar de todas as expectativas criadas, a falta de meios financeiros dificulta a concretização de um projecto de ajuda à Galiza e restringe a acção ao território nacional.

A catástrofe do Prestige é, segundo Adelaide Videira, membro do GE/AAC, consequência de uma visão economicista do meio ambiente, que é entendido por parte dos Estados como "uma fonte inesgotável de matéria prima e auto–renovável". Esta ecologista conclui assim que "ninguém é dono do ambiente e toda a gente se aproveita dele. Já progredimos muito, mas há ainda um caminho longo a percorrer".

Mudanças a partir de Janeiro

# Aumento de preços nos SMTUC

**A autarquia aprovou um novo tarifário, propondo ainda alterações na actual estrutura da rede de transportes.**

PEDRO RAMOS

O executivo camarário aprovou, no início do mês, o novo tarifário dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC). O aumento cifrar–se-á na ordem dos 4,7 por cento. A diminuição do número de coroas da actual rede foi também aprovada por unanimidade.

Incentivar o uso dos transportes colectivos em detrimento do automóvel e beneficiar os utentes que residem mais afastados do centro urbano assumem–se como os principais objectivos destas alterações, que entrarão em vigor no início do próximo ano.

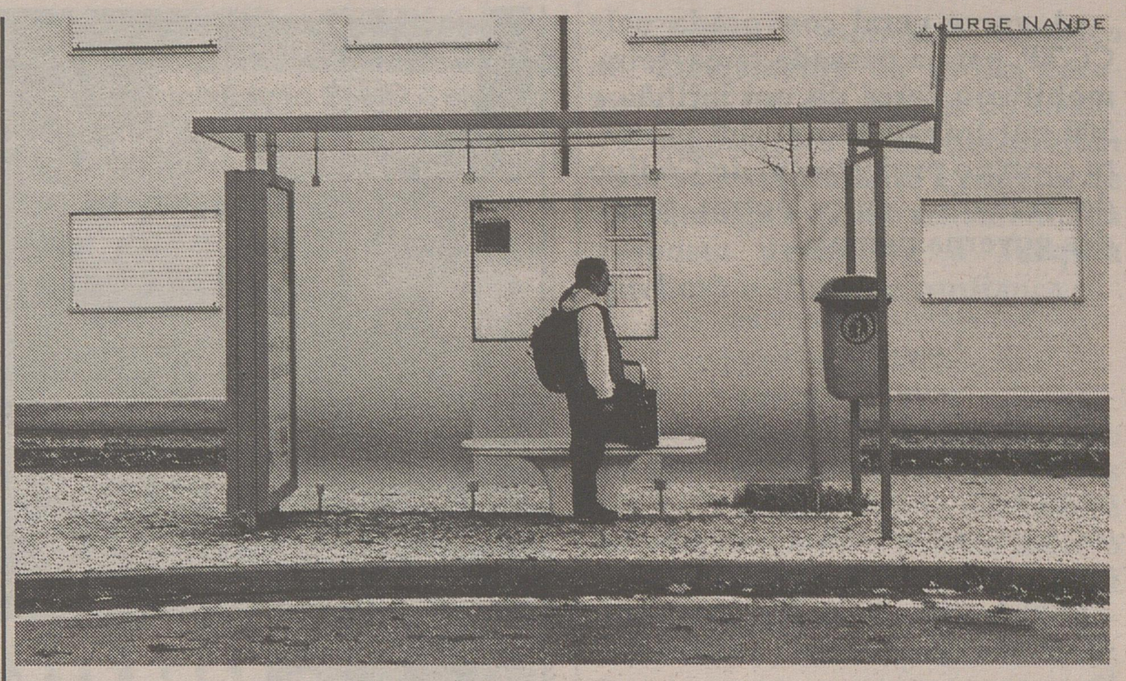
A título de exemplo, em Janeiro próximo um bilhete de dez viagens na zona um (que agora custa 4,15 euros) irá passar a custar 4,80 euros. Por sua vez, um passe mensal para a mesma zona passará a ter um preço de 26,50 euros. Manuel Rebanda, presidente do Conselho de Administração dos SMTUC, afirmou publicamente que a alteração dos preços se assume como "a menos gravosa possível para os utentes".

A decisão de não aumentar o preço de utilização da Ecovia e a criação de um passe para esta rede, utilizável também nas redes um e dois da rede geral, bem como a manutenção dos preços para as famílias numerosas, funcionários municipais e utentes da terceira idade são outras iniciativas que, na perspectiva da autarquia, poderão contribuir para aumentar o número de utilizadores destes serviços.

Outra das novidades recentes prende–se com a mudança da actual rede, constituída por quatro zonas que se combinam entre si, para um sistema de três coroas, o que privilegia os utentes das áreas limítrofes do concelho.

A fusão das coroas dois e três, acompanhada do alargamento dos limites geográficos da zona um (sendo os mais significativos os do Alto de S. João para a Portela do Mondego e o do Monte da Romeira para a Escola D.Dinis) provoca assim uma diminuição do preço dos transportes para os que são mais directamente afectados pela alteração.

O aumento de preços e, em consequência das medidas tomadas, o previsível crescimento do número de utilizadores dos serviços garante, segundo as estimativas, uma cobertura de 57 por cento dos custos totais dos SMTUC para este período. A instituição continuará, assim, dependente dos apoios da autarquia, que no próximo ano irão rondar os três milhões de euros.


JORGE NANDE

Vai ser mais caro andar nos SMTUC

Demolir para depois melhorar

## Casa do Sal de cara lavada

**As obras de demolição dos edifícios degradados circundantes da Casa do Sal foram iniciadas. Para o espaço agora vazio estão previstos novos projectos.**

LEILA CAMPOS

No dia 3 de Dezembro foi iniciado o processo de demolição de edifícios devolutos da Casa do Sal. Entre outras estruturas, foram desmanteladas as fábricas de recauchutagem Lusa e os armazéns de alcatifas Petróleo.

Com o início das obras de desertificação do terreno, vários imigrantes e sem–abrigo ficaram sem pouso, sendo forçados a abandonar a sua habitação sob o olhar do presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Carlos Encarnação, que também se encontrava presente no local para assistir ao começo da demolição.

O objectivo deste projecto, segundo o próprio Carlos Encarnação, em declarações públicas, é "dar outra imagem à entrada norte", e acabar com as zonas degradadas da cidade. No entanto, a autarquia pretende ainda estender este processo a casos semelhantes e de momento outras situações de risco continuam a ser avaliadas. Um desses casos é a encosta da Conchada, que irá ser objecto de uma intervenção similar ainda no docorrer desta semana, mas "a sua demolição não contemplará a totalidade da antiga fábrica de curtumes, para preservar alguns elementos de arqueologia industrial com valor", declarou o presidente da CMC à comunicação social.

O projecto idealizado para o espaço da Casa do Sal, agora livre, não irá desrespeitar o Plano Director Municipal, e tudo indica que vai ser viabilizado sem quaisquer contestações, afirmou o edil conimbricense.

### Fim do tráfego caótico

A área da rotunda da Casa do Sal vai também sofrer outras alterações, de modo a facilitar o tráfego caótico da principal variante de entrada em Coimbra.

A intervenção irá ter início logo após a demolição das infraestruturas da antiga fábrica de curtumes e terá a colaboração dos serviços camarários e das empreitadas.

Com o apoio da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, esta obra visa principalmente a organização do sistema de transportes da cidade e terá como principal objectivo a adição de faixas de rodagem na rua da Figueira da Foz e na Fernão Magalhães, onde se concentra a maior parte do tráfego urbano da cidade.

Esta intervenção vem facilitar o trânsito e contribuir para uma melhoria de 25 por cento, de acordo com João Rebelo, responsável pela pasta do Planeamento e Ordenamento do Território, mas não trará uma solução definitiva.



FRANCISCA MOREIRA

Demolições na Casa do Sal pretendem aproveitar melhor este espaço

## Património passa para autarquia

***Por determinação do Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE), 78 habitações localizadas no Bairro do Ingote vão passar a ter como novo senhorio a Câmara Municipal de Coimbra (CMC).***

SOFIA MARQUES

Foi apresentada ao executivo camarário, na passada reunião de segunda–feira, dia 9, a decisão do IGAPHE de transferir para a posse da autarquia conimbricense o seu património em Coimbra, avaliado em 1,7 milhões de euros (340 mil contos). Este património é constituído por 78 habitações, localizadas em edifícios do Bairro do Ingote, sendo que a única consequência prática para os inquilinos será a mera alteração do senhorio, passando as rendas a serem pagas à CMC.

Foi o vereador do Pelouro da Habitação, Gouveia Monteiro, que comunicou ao restante elenco camarário a decisão daquele instituto, não deixando de manifestar, no entanto, algumas reservas no que concerne ao estado de conservação dos edifícios que vão agora ser transferidos. A própria CMC terá, recentemente, efectuado alguns arranjos exteriores nessas habitações. Contudo, as dúvidas existentes quanto ao real estado das mesmas levaram o vereador da CDU a pedir ao IGAPHE um relatório sobre as obras que aí foram efectuadas, por forma a desvendar eventuais necessidades de reparações. Este leque de habitações poderá vir, à medida que estas forem sendo desocupadas, a engrossar as alternativas de arrendamento da CMC.

Greve geral mobiliza mais de um milhão de trabalhadores

# Código do Trabalho criticado

**A greve geral convocada pela CGTP, para a passada terça–feira, mobilizou cerca de um milhão e 500 mil trabalhadores em protesto contra o projecto–lei do Código do Trabalho, entre outras medidas governamentais.**

MÁRIO GUERREIRO
CRISTINA LOPES
ISABEL OLIVEIRA




Greve geral da passada terça-feira teve maior representação nos transportes

Os números avançados por Governo e CGTP relativos à greve são díspares. As estimativas oficiais apontam para perto de 15 por cento o valor de adesão à greve. A CGTP, por seu lado cifra esse valor na casa dos 85 por cento.

A nível nacional, a área onde se verificou uma maior adesão foi a dos transportes. O próprio Ministério do Trabalho reconheceu que foi neste sector que se verificou uma mais significativa adesão.

## Sem autocarros e com lixo na rua

Como no resto do país, foi assim em Coimbra. Dos 112 autocarros dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC), apenas oito circularam, de acordo com dados dos sindicatos, o que causou um entupimento das artérias da cidade.

Outro dos sectores onde a greve teve mais significado na região centro foi o da recolha do lixo. A elevada adesão que se verificou no sector cifrou–se, segundo os sindicatos, nos 100 por cento. Na Saúde, a adesão não foi tão significativa, mas não deixou de ter o seu impacto. Nos Hospitais da Universidade de Coimbra, atingiu os 80 por cento, de acordo com fontes sindicais. A administração, por sua vez remete esse valor para a casa dos 55 por cento. Os dados referentes ao Hospital dos Covões assumem também dois valores diferentes: 70 por cento para os sindicatos e 47 por cento para a administração.

Na Portugal Telecom e nos CTT o apelo à greve foi igualmente bem recebido. Ainda no centro do país, empresas como a Cimpor, em Souselas, ou a Foznave, na Figueira da Foz, estiveram encerradas durante terça–feira. Outra das faces visíveis da greve em Coimbra foi a concentração de trabalhadores e sindicatos na praça 8 de Maio.

Por tudo isto, António Moreira, coordenador da União de Sindicatos de Coimbra (USC), afecta à CGTP, realça: "Os trabalhadores afirmaram claramente que rejeitam a proposta do Código do Trabalho". Defende ainda que "a greve geral não é o fim de uma alternativa", mas um mecanismo que deve ser usado "no momento mais oportuno e este era esse momento".

Sobre o projecto–lei do Código do Trabalho, o sindicalista é irónico: "O Governo vai podar o projecto e cortar pequenas folhas e galhos, mas o tronco que os sustenta não vai ser alterado". O projecto–lei do Código do Trabalho terá a sua votação na Assembleia da República (AR) dia 15 de Janeiro. Até dia oito as conversações entre Governo e parceiros sociais irão continuar à mesa da concertação social. O documento, que na sua fase de ante–projecto comportava cerca de 800 artigos foi agora diminuído para 671, após a primeira fase de negociações. Sobre a ronda negocial, António Moreira afirma: "O Governo diz que foram gastas 110 horas na concertação e discussão do ante–projecto, o que dá cerca de oito horas a cada artigo". Se cada parceiro social pretender mudar "alguma coisa nem dá para abrir a boca", acusa. Sobre iniciativas futuras da central sindical, António Moreira remete a sua decisão para o final das negociações, mas adianta que, até lá, o futuro vai ser de "reflexão", até porque dia 19 haverá uma reunião da CGTP de onde irão sair as "medidas mais ajustadas para o futuro próximo."

## Oposição contra o Código do Trabalho

Em uníssono, os partidos políticos da oposição com assento na AR criticam o proposto no projecto–lei do Código do Trabalho.

Rui Cunha, deputado e coordenador da área de trabalho do PS refere que "o descontentamento não passa somente pelo Código do Trabalho, mas também pela Lei de Bases da Segurança Social e pelo aumento dos impostos". Para o deputado, "os fracos da sociedade estão a pagar a crise económica".

O deputado frisa também que "o PS está solidário com as formas de luta dos trabalhadores", mas não discute "critérios ou timing".

Em relação ao projecto do Código do Trabalho, Rui Cunha considera existirem "questões inaceitáveis", e que é obrigação do PS trabalhar para uma alternativa e "promover um projecto de diploma". Assim, e conforme o aprovado nas Jornadas Parlamentares do partido realizadas no último fim–de–semana, o PS vai reunir–se com os parceiros sociais durante esta semana para discutir o Código do Trabalho. As propostas socialistas irão ser apresentadas no início do ano.

O deputado do PCP, Jerónimo de Sousa, defende que "juntar mais de um milhão e 500 mil trabalhadores em greve é um êxito notável." Mais significativa foi "a participação activa e massiva da juventude trabalhadora". E reafirma o considerável êxito da greve: "Na Autoeuropa, a menina dos olhos bonitos da economia portuguesa, a adesão rondou os 80 por cento. Isto numa unidade em que a média de idades é de 25 anos." Para Jerónimo de Sousa é clara a forma como os trabalhadores "rejeitam" a proposta do Código do Trabalho, e refere que os resultados da adesão em "sectores estratégicos" da economia comprovam isso mesmo.

O deputado conclui que "o Governo devia entender o sinal desta greve e abandonar o pacote laboral", que considera ser "danoso" e "impossível" de negociar.

O outro partido da oposição, o Bloco de Esquerda, em comunicado oficial considera que "a greve geral foi um grande sucesso" e "marcou uma resposta ao Código Laboral", ao mesmo tempo que evidenciou "o profundo desgaste social do Governo".

Sobre a negociação do Código do Trabalho, o BE classifica-a como "uma fraude", visto que "a proposta de lei está entregue no Parlamento e não terá qualquer alteração até ser votada na generalidade".

## Última greve geral foi há 14 anos

A última greve geral de que Portugal tem memória teve lugar em 1988. Ao contrário da do passado dia 10, não foi uma iniciativa apenas da CGTP, mas também da UGT, num consenso inédito desde então entre as duas centrais sindicais.

O primeiro capítulo da história da greve geral inicia–se em 1982, com uma greve convocada pela CGTP para 12 de Março. Em Maio do mesmo ano a central sindical volta à greve, em protesto não só contra as políticas laborais e sociais da AD (PSD e CDS partilhavam o poder, como hoje), mas também como forma de repúdio pela morte de dois trabalhadores em confrontos com a polícia, durante as celebrações do 1º de Maio. A UGT opõe–se a esta greve e lança a suspeita de que a CGTP seria a responsável pela colocação de uma bomba à porta da casa do então secretário–geral da UGT, Torres Couto. A partir deste momento as relações entre as duas centrais sindicais deterioram–se.

A realidade nacional seis anos depois, em 1988, é a razão para as primeiras reuniões, embora secretas, entre a CGTP (com forte influência do PCP) e a UGT (conotada com o PS, e em menor escala com o PSD).

A greve é então convocada pela UGT para 28 de Março, após ter sido aprovado em Conselho de Ministros o pacote laboral. Para disfarçar o consenso que as unia, a CGTP, dias depois, marca uma greve geral também para 28 de Março, em protesto contra o pacote laboral que o Governo de Cavaco Silva pretendia aprovar. O pacote laboral viria a ser aprovado embora com algumas alterações, consideradas pelos sindicatos como uma vitória, e o Governo viria a ser reeleito, em 1991, com maioria absoluta.

Venezuela e Argentina turbulentas

# Desespero na América do Sul

**A Venezuela e a Argentina atravessam um grave período de instabilidade económica e social, marcado pelas greves gerais e pelas indefinições políticas.**

TIAGO AZEVEDO
RITA DELILLE
MARÍLIA FRIAS

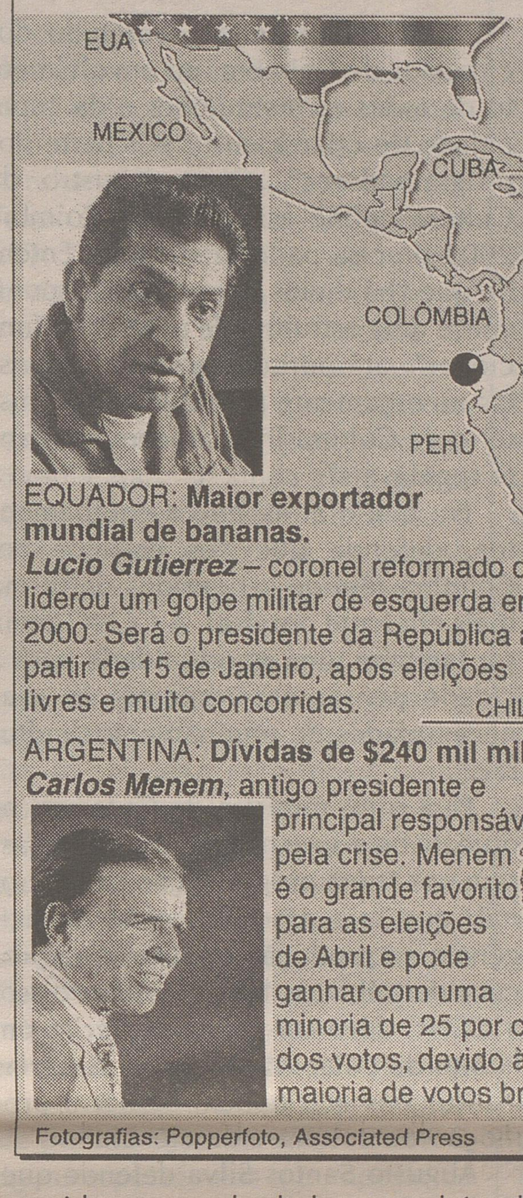
A tensão política na Venezuela não pára de aumentar devido ao prolongamento da greve geral, elucidativa do descontentamento face à política seguida pelo presidente Hugo Chávez. A paralisação, convocada pela Confederação dos Trabalhadores da Venezuela (CTV) e pelo Clube dos Patrões Venezuelanos teve início a 2 de Dezembro, prolongando-se por tempo indeterminado. A oposição acusa Chávez de tentar implantar um regime comunista, semelhante ao de Fidel Castro e de destruir a harmonia social através da sua retórica populista, agravando a situação económica do país. Assim, reclamam a demissão do presidente de Estado ou que este "manifeste um mínimo de respeito pelo povo venezuelano", concordando com eleições antecipadas.

As tentativas de negociação revelaram-se infrutíferas pela recusa de cedência de ambas as partes. Por um lado, a oposição não aceita suspender a greve enquanto Chávez não se mostrar receptivo às preocupações dos trabalhadores. Por outro, o Governo declina reunir-se no decorrer da greve, e apela ao seu fim de forma a regularizar a situação do país. Em resposta à oposição, rejeitou a hipótese de eleições antecipadas e modificou o estatuto da Petróleos da Venezuela, reforçando ainda os poderes do seu presidente, Ali Rodriguez, que passa a tomar sozinho decisões que antes tinham de ser colegiais. Paralelamente, as Forças Armadas Nacionais mostraram-se leais a Hugo Chávez e à Constituição. No entanto, o comandante Julio José García Montoya divulgou um comunicado onde afirma que "a nossa alta missão impede-nos de tomar partido por um dos lados, e também de nos apresentarmos como árbitros".

A principal preocupação, com o agravar da crise, prende-se com o factor económico, pois a indústria petrolífera, também paralisada, garante metade dos rendimentos do país. Este fim-de-semana, alguns petroleiros procederam à exportação de vários barris de petróleo, mas o futuro ainda é incerto. A Venezuela (único país da América Latina membro da OPEP) é o quinto exportador mundial de petróleo e, como consequência, perde cerca de 50 milhões de dólares de exportações diárias. Ali Rodriguez salientou que se o país não assegurar as suas obrigações contratuais em Dezembro terá de pagar multas no valor de seis mil milhões de dólares.

## EUA pressentem mudança política na América Latina

**A América Latina está a causar calafrios na administração Bush. A eleição de presidentes de esquerda no Brasil e Equador são os principais indícios que partidos centristas e de esquerda se poderão unir. Nem o favoritismo de Menem na Argentina apazigua as preocupações americanas.**




VENEZUELA: **Quarto maior exportador mundial de petróleo.**
Presidente ***Hugo Chavez*** – admirador de Castro e anti-globalização – no poder desde 1998. **Sobreviveu a uma tentativa de golpe militar em Abril.**



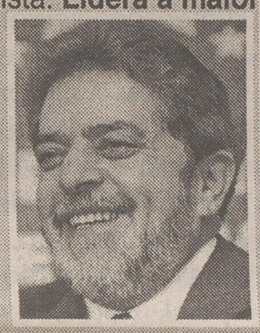


EQUADOR: **Maior exportador mundial de bananas.**
***Lucio Gutierrez*** – coronel reformado que liderou um golpe militar de esquerda em 2000. Será o presidente da República a partir de 15 de Janeiro, após eleições livres e muito concorridas.

ARGENTINA: **Dívidas de $240 mil milhões.**
***Carlos Menem***, antigo presidente e principal responsável pela crise. Menem é o grande favorito para as eleições de Abril e pode ganhar com uma minoria de 25 por cento dos votos, devido à prevista maioria de votos brancos.



BRASIL: **Dívidas de $260 mil milhões.**
***Luiz Inacio "Lula" da Silva*** – Partido dos Trabalhadores (PT). Venceu as presidenciais com maioria. Antigo sindicalista. **Lidera a maior força de esquerda da América Latina**



Fotografias: Popperfoto, Associated Press © GRAPHIC NEWS

## O sofrimento argentino

A braços com uma grave crise económica desde Dezembro de 2001, a Argentina começa a ver os primeiros sinais de recuperação, com o descongelamento dos depósitos à ordem e o agendar de eleições presidenciais para 27 de Abril de 2003.

Um ano após o início da crise, 55 por cento da população e 70 por cento dos jovens com menos de 14 anos encontram-se abaixo do limiar da pobreza e da subnutrição, apesar de a Argentina ser um dos celeiros do mundo. Um cenário que nenhum presidente conseguiu inverter. Fernando de la Rua, do partido dos radicais, foi o primeiro presidente a cair em 2001, na sequência de uma revolta popular, seguido por dois presidentes que apenas ocuparam o cargo durante alguns dias. Através do Parlamento, os peronistas, facção política oposta à radical, instalaram no poder Eduardo Duhalde. Entretanto, as contas bancárias da população foram objecto de um congelamento ("corralito"), já levantado, e de uma desvalorização, perdendo dois terços dos seus valores. Diversas revoltas sociais assolaram Buenos Aires, onde as classes médias e populares saquearam estabelecimentos comerciais e se envolveram em confrontos com as forças policiais.

O Fundo Monetário Internacional esteve na origem da recessão ao exigir uma restrição orçamental como condição prévia a novos financiamentos. Como resultado e com receio devido ao congelamento das contas bancárias, empresários, políticos e sindicalistas colocaram fora do país cerca de 160 mil milhões de dólares, valor superior ao total da divída externa. O escritor Luis Maggi definiu assim o mal da Argentina: "Este país tem a mais alta densidade de filhos da puta por quilómetro quadrado do mundo".

A hipótese de um novo surto de violência não está afastada, facto que preocupa o Governo pois estas manifestações agravam o desemprego e estão na origem das rendições governamentais. Os mais cépticos duvidam que Duhalde esteja seguro no lugar do seu predecessor, forçado a abandonar o cargo no ano passado. Para o seu lugar, são apontados como favoritos Carlos Menem, antigo presidente e principal responsável pela crise, e Adolfo Rodriguez Saa, governador da província de San Luis, tido como corrupto. O povo argentino, esse, continua a pedir: "Que se vayan todos!"

## Argentina desesperada

**Pela primeira vez em quase um ano os argentinos podem fazer levantamentos dos bancos após o Governo ter anulado o "corralito" (congelamento dos depósitos bancários) imposto com o agravar da crise.**



***Presidente Eduardo Duhalde:*** Quinto presidente em 12 meses

| | |
|---|---|
| População | 38 milhões |
| Abaixo da linha da pobreza | 18 milhões |
| Crianças na pobreza | 9 milhões |
| Taxa de desemprego | 21% |
| Média de receitas anuais | $2,500 |
| Média das receitas de 2000 | $10,100 |
| Média de receitas perdidas | 75% |

Foto: Associated Press © GRAPHIC NEWS

# Uma Europa alargada ao Leste

**Chegou o momento histórico do alargamento da União Europeia (UE) a dez países do Leste. As negociações finais decorreram com sucesso durante a cimeira de Copenhaga e nem o adiamento da resposta definitiva à Turquia quebrou o clima de confiança.**

GUSTAVO SAMPAIO

A cimeira de Copenhaga da União Europeia, realizada nos passados dias 12 e 13 de Dezembro, estabeleceu um histórico acordo político sobre o processo de adesão em 2004 de dez novos países: Polónia, Hungria, República Checa, Eslováquia, Eslovénia, Estónia, Letónia, Lituânia, Malta e Chipre. Com este quinto alargamento, o maior de sempre, a UE passará a ser constituída por 25 Estados membros e prepara-se para acolher 75 milhões de novos cidadãos. Em 2007, juntar-se-ão outros dois países: a Roménia e a Bulgária.

O acordo conseguido entre os quinze Estados membros actuais e os candidatos à adesão finaliza um longo processo de negociações iniciado há mais de uma década. No entanto, o documento oficial do tratado de adesão apenas será assinado em Atenas no dia 16 de Março do próximo ano, após uma elaborada revisão jurídica. Os processos de ratificação do acordo por todos os países membros serão desenvolvidos ao longo de 2003, estando a adesão efectiva dos dez países agendada para a data de 1 de Maio de 2004.

Apesar do optimismo generalizado no final da cimeira, as últimas horas de negociações foram bastante intensas. Os países candidatos procuraram rever as suas condições de acesso relativamente aos subsídios agrícolas comunitários e às ajudas para as regiões mais desfavorecidas entre 2004 e 2006, conseguindo garantir uma quantia adicional de 408 milhões de euros no processo de adesão. Uma verba acrescentada aos 40.400 milhões inicialmente propostos pela UE. Para além do reforço financeiro, os países candidatos ao alargamento delinearam ainda algumas alterações quanto à forma de utilização das ajudas comunitárias.

Um dos países que deverá aderir à UE em 2004, a ilha de Chipre, não conseguiu finalizar um acordo de paz entre as suas comunidades grega e turca. Contudo, os actuais países membros da UE reiteraram a sua confiança no sucesso da resolução deste diferendo antes da data programada para a sua adesão.

A situação da Turquia, candidato que pretendia a definição de uma data para a sua adesão, será reavaliada em Dezembro de 2004. Nessa altura, poderá iniciar as negociações se respeitar os necessários critérios políticos exigidos pela UE. Apesar da contrariedade, os turcos demonstraram já publicamente a intenção de prosseguirem com as reformas necessárias para a sua integração na UE no futuro próximo.

Capital Nacional da Cultura em análise

# Falta de espaços e de divulgação afecta

VÍTOR AIRES
MARGARIDA MATOS
VÍTOR RODRIGUES E OLIVEIRA
JOÃO VASCO

**Com a programação a ser apresentada já no próximo dia 19 de Dezembro e com a abertura oficial da Coimbra Capital Nacional da Cultura (CCNC) marcada para 24 de Janeiro de 2003, A CABRA foi ouvir a opinião de algumas das figuras mais destacadas da cultura nacional acerca deste evento.**

**A ideia da criação das capitais nacionais da cultura é da autoria do ex–ministro da Cultura, José Sasportes. Inicialmente, a iniciativa parecia estar bem encaminhada. Porém, com a saída de Sasportes do Governo, o projecto atravessou uma fase de alguma incerteza, principalmente no que respeita ao seu modelo de gestão. O ex–ministro havia pensado constituir a CCNC como uma sociedade anónima, mas não o chegou a concretizar. Segundo Abílio Hernandez, actual presidente da Coimbra 2003, este facto "deixa a CCNC à mercê da burocracia, pois não possui autonomia financeira e administrativa". Este é um dos problemas, mas não o único.**

**Coimbra debate–se desde há muito com uma tremenda falta de espaços. O Pavilhão de Portugal que esteve na exposição de Hannover, uma parte do Convento de S. Francisco e o Teatro da Cerca de S. Bernardo só estarão prontos a ser utilizados no segundo semestre deste ano. Assim, na próxima sexta–feira, a programação que vai ser apresentada não terá os locais definidos.**

**O acordo parece ser geral quanto à escolha da cidade de Coimbra para receber este projecto pioneiro em Portugal, porque se sente, como refere Eduardo Prado Coelho, que "Coimbra está a perder terreno em relação a outras cidades". Já fazer comparações com o Porto 2001, Capital Europeia da Cultura é, nas palavras do ex-ministro da Cultura Augusto Santos Silva, "um erro, porque as escalas são diferentes".**

**Desta forma, a opinião das figuras contactadas pelo Jornal Universitário de Coimbra é a de que o acontecimento pode revolucionar a cidade mas, até ao momento, a ausência de divulgação do programa e a incerteza quanto aos espaços a utilizar têm sido a principal imagem de marca do projecto.**

## José Sasportes

### "Coimbra 2003 deixou de fazer sentido"

O ex–ministro da Cultura, lamenta que esta não seja aquela CCNC que idealizou quando tutelava a pasta no governo do PS. O mentor do projecto das capitais da cultura defende que "todo o projecto se ligava a uma certa dinâmica e nunca à glória de uma cidade".

Sasportes lembra que "havia uma série de cidades que iam beneficiar de equipamentos importantes", sendo que uma capital cultural "seria o ponto de partida ou de chegada para diversas iniciativas a desenvolver. No entanto, pensava que por esta altura já estariam concluídos uma série de espaços necessários à dinâmica cultural de Coimbra".

Estas infraestruturas só estarão disponíveis em meados de 2003, o que leva o ex–ministro a afirmar que "nas dimensões actuais, a cidade não tem condições para receber um evento como este. Coimbra não tem praticamente nada". Afirma que, "fora deste contexto, a CCNC parece um pouco pobre, deixou de fazer sentido". As expectativas são, assim, "muito diminutas face aquilo que era o projecto inicial. Actualmente, o Ministério da Cultura não tem uma ideia deste tipo de descentralização". Mas, apesar de tudo, salvaguarda que "a cidade beneficiará desta iniciativa".

A acompanhar os problemas logísticos, o modo como é financiado a CCNC acarreta alguns prejuízos. Quando surgiu a ideia de criar as capitais culturais, "uma parceria abriu uma série de fontes de financiamento para a iniciativa. Neste momento, com a crise geral, essas fontes fraquejaram". Todavia, esta realidade é atenuada por um investimento do Ministério da Cultura "que pode dar significado às actividades que se vão desenrolar".

Quanto à programação, José Sasportes entende que "as capitais da cultura não devem servir para a pequena cultura de bairro", mas antes "adquirir uma dimensão nacional e europeia". Deve ser feito "um esforço para colocá–la à disposição das pessoas. E elas só vão se quiserem, ninguém é obrigado a ir aos espectáculos e eventos, como ninguém é obrigado a ir ao futebol".

## Augusto Santos Silva

### "CCNC devia ser conhecida por mais gente"

"A CCNC depende sobretudo dos cidadãos de Coimbra, do envolvimento de todas as instituições e da capacidade de criar e ousar por parte dos programadores". O ex–ministro da Cultura define assim o que Coimbra 2003 precisa para ter sucesso. Entende que "há meios financeiros disponíveis e uma estrutura de projecto a funcionar", até porque as verbas previstas no orçamento para 2003 do Ministério da Cultura lhe parecem "bastante reguláveis".

No que diz respeito a equipamentos, defende que "os espaços em Coimbra têm de ser geridos da forma mais eficiente possível. A CCNC devia ser também uma oportunidade para a cidade pensar em respostas às suas necessidades de equipamentos culturais".

Para o ex–ministro de Guterres, os objectivos a serem concretizados passam por "uma programação excepcional, que crie um novo nível de exigência na produção cultural e na procura de públicos locais". Além disso, a CCNC deve ser capaz de "criar um hábito de colaboração entre as várias instituições que podem ajudar à promoção da cultura e da ciência".

Augusto Santos Silva defende que, dada a dimensão do projecto, a Coimbra 2003 deveria ser conhecida por mais gente. "Nesse aspecto há trabalho a fazer. Coimbra é a capital nacional da cultura, não é um acontecimento local", argumenta.

No que concerne à programação deste evento, espera que seja "tão boa que crie um padrão exigente de comparação para as próximas capitais nacionais da cultura. Deve haver uma exigência maior do que aquela a que estamos habituados. É para a frente que temos de caminhar, não é para trás". O ex–ministro diz ainda ser um erro querer comparar–se Coimbra 2003 com as capitais europeias da cultura Lisboa 94 ou Porto 2001: "As escalas são diferentes".

Por fim, Augusto Santos Silva recomenda à equipa que está a preparar a Coimbra 2003 "que não fique nada incomodada com quaisquer alegações de elitismo e que tente induzir a maior qualidade na oferta cultural da cidade".

## Abílio Hernandez

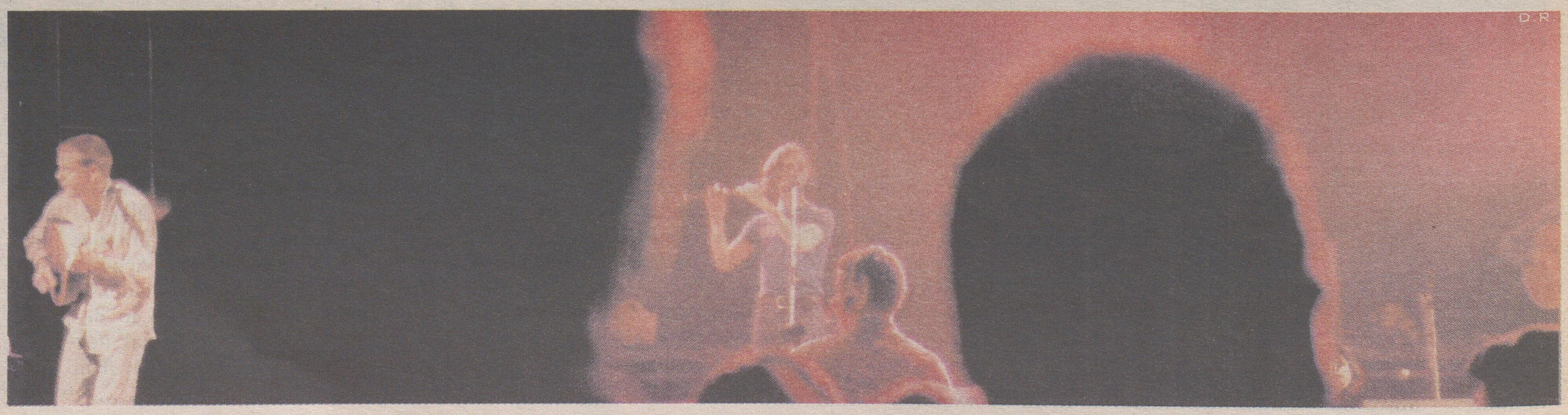
### "Demissões foram pequenos acidentes"

O presidente da CCNC, sente–se "confiante" quanto ao sucesso do seu projecto e salienta que "o prólogo da CCNC correu francamente bem, porque os eventos foram de elevada qualidade e a adesão do público foi excelente". Contudo, admite que "na dimensão pública nacional do evento, o saldo é negativo". O presidente da CCNC explica que "as verbas usadas na divulgação dos eventos pode não ter sido suficiente. Porventura, o investimento tem de passar necessariamente pelas televisões, o que acarreta outros custos".

De resto, Abílio Hernandez alerta para um fenómeno global da comunicação social, nomeadamente da televisão, que "apenas torna visível aquilo que revela uma visão catastrófica da sociedade". E ilustra esta situação "com o relevo que foi dado pelos media nacionais às demissões no Conselho Cultural". O presidente da CCNC considera que estes "foram apenas pequenos incidentes de percurso. As pessoas deram, na altura, as suas razões, que eu respeitei inteiramente. Penso que o Conselho Cultural não falhou. Naturalmente que os colegas que se demitiram pensam que sim. No entanto, devo dizer que Carlos Fiolhais continua ligado à CCNC através da autoria ou co–autoria de vários projectos que estão na nossa programação".

Ao nível do financiamento, Abílio Hernandez refere que "o actual ministro da Cultura tem feito um esforço financeiro grande, num contexto que não é nada favorável. Os primeiros apoios financeiros vieram com Augusto Santos Silva e agora, com Pedro Roseta, tivemos um aumento considerável desses apoios. O orçamento ronda os sete milhões de euros e tem de chegar para tudo (programação, funcionamento, etc). Se este dinheiro fosse só para a programação eu era um homem satisfeito".

O grande problema parece estar no modelo de gestão. Abílio Hernandez salienta que "o plano de gestão pensado pelo ex-ministro José Sasportes (uma sociedade anónima) era preferível ao que existe agora. Sem estas condições, a CCNC fica à mercê da burocracia".


D R

# projecto Coimbra 2003

**Mário Nunes**

## "A câmara empenhou–se e inventou espaços"

O vereador da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra afirma que "a distinção da cidade como primeira capital da cultura é um acto de justiça, porque Coimbra sempre se afirmou culturalmente". Ressalva, deste modo, o papel preponderante do ex–ministro desta tutela, José Sasportes, que "prestou uma grande homenagem à cidade".

No que diz respeito à programação de 2002, o balanço que faz é positivo, marcando já "uma presença efectiva da capital da cultura a nível nacional", e anuncia para 2003 muitas surpresas com "diversidade e qualidade". No entanto, as dificuldades para concretizar o projecto têm obrigado a câmara municipal a grandes esforços, nomeadamente na procura de infraestruturas para a realização de eventos: "A câmara empenhou–se e inventou espaços, não nos podemos alargar mais". Nesse âmbito, têm sido restaurados alguns equipamentos, mas que só estarão disponíveis no segundo semestre de 2003.

Entretanto, "o financiamento já consignado pelo Ministério da Cultura dá para fazer uma grande capital da cultura". É que, apesar dos cortes no orçamento governamental, "não houve redução para Coimbra 2003".

Confiante no sucesso da iniciativa, o vereador garante que "a CCNC é um ponto de partida para o rejuvenescimento da cultura, tanto na cidade como no país. Coimbra volta a ser aquela cidade grandiosa, que esteve alguns anos adormecida".

Para "acordar" a população conimbricense, a administração do evento "conta com uma equipa de bons técnicos". De resto, as relações entre a administração da CCNC e a Câmara Municipal de Coimbra "são perfeitas".

Coimbra 2003 será também uma oportunidade para juntar as instituições que até ao momento "estavam às avessas". Mário Nunes acredita que com essa harmonia, e investindo em publicidade, "vai haver uma grande afluência de pessoas".

No que diz respeito à programação da CCNC, as comparações com a Porto 2001 são inevitáveis: "Coimbra irá privilegiar a produção nacional e a cultura chamada popular, o que não aconteceu no Porto".

**João Maria André**

## "A ideia foi lançada de forma desorganizada"

"O conceito de uma capital nacional da cultura nasceu mal e o seu período de gestação foi muito problemático, por muito boa vontade que Abílio Hernandez tenha", explica o director do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). O administrador do maior teatro da cidade realça ainda que "a ideia seria viável, mas foi lançada de uma forma relativamente desorganizada e pouco pensada. Se José Sasportes não sabia muito bem o queria, as coisas complicaram–se ainda mais com a passagem de outros dois ministros. A sensação generalizada é a de que se tenta a todo o custo salvar uma iniciativa".

Porém, nem tudo são más notícias. Na hora de fazer o balanço sobre o prólogo da CCNC, João Maria André mostra–se satisfeito pela forma como correu o projecto Vicente. "O nosso balanço é francamente positivo. Houve uma forte adesão do público e os objectivos foram cumpridos". Contudo, alerta para a fraca divulgação que a CCNC tem tido, tanto na cidade de Coimbra, como no resto do país. "Uma das coisas que não está a correr bem é o tratamento da imagem e a forma de publicitação do projecto. Houve alguns espectáculos que, apesar da sua excelente qualidade, acabaram por não ter a receptividade que seria desejável, ou por falta de conhecimento ou por desinteresse do público" realça ainda.

Quanto à problemática dos espaços, João Maria André é polémico: "Coimbra precisava de mais espaços, mas será que existe público para os preencher". E, fundando–se na sua experiência, explica que "a cidade não tem um público tão numeroso e tão diversificado. Coimbra tem uns milhares de professores, que em princípio seria gente com alguma apetência para os espectáculos culturais, mas não é isso que se verifica". O director do TAGV vai mais longe: "Se eu um dia revelasse a percentagem de professores universitários que constituem o público do nosso teatro, muita gente ficaria admirada. Há um certo pedantismo dos professores universitários de Coimbra, temos de o dizer com todas as letras. Eu assumo isto com todas as consequências".

**Eduardo Prado Coelho**

## "Sente–se que Coimbra está a perder terreno"

Segundo o professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, as condições em que a decisão da criação das capitais nacionais da cultura surgiram (a seguir a uma crise de subsídios de teatro), foram "manifestamente precipitadas, não tendo havido uma preparação suficiente para garantir o êxito da iniciativa". Eduardo Prado Coelho sublinha também que "durante bastante tempo foram criadas dificuldades administrativas à CCNC. Só a partir do ministro Augusto Santos Silva as coisas melhoraram consideravelmente".

Contudo, a ideia fundamental é a de que "o projecto não foi acautelado nas suas diversas dimensões e, neste momento, vai–se concretizar a CCNC em circunstâncias orçamentais extremamente difíceis. Nessa medida penso que a sua concretização pode estar prejudicada e, portanto, não sei se não será uma experiência que acabará por ser negativa em relação a uma ideia que, à partida, era francamente positiva".

Quanto à escolha de Coimbra como primeira cidade onde se vai realizar um projecto deste tipo, Eduardo Prado Coelho está inteiramente de acordo, pois acha que "a cidade se encontrava numa situação manifestamente depressiva. Sente–se que Coimbra está a perder terreno em relação a outras cidades com menos tradição, mas com uma perspectiva mais dinâmica do ponto de vista cultural. Nessa medida a escolha de Coimbra parece–me acertada". A escolha de Abílio Hernandez para presidente da CCNC mereceu, na altura, "total confiança" da parte do ensaísta. No entanto, nos últimos tempos, "Hernandez tem–se debatido com múltiplas dificuldades tanto externas como internas e a situação não está fácil".

Eduardo Prado Coelho sente–se desiludido com a "ausência de programação divulgada na comunicação social e de promoção da própria imagem do acontecimento, o que não augura nada de bom". E acrescenta: "As únicas notícias que me têm chegado sobre o projecto têm sido de pessoas que se afastaram dele e não de coisas que serão concretizáveis".

**Vasco Graça Moura**

## "Coimbra 2003 pode reequilibrar o sistema"

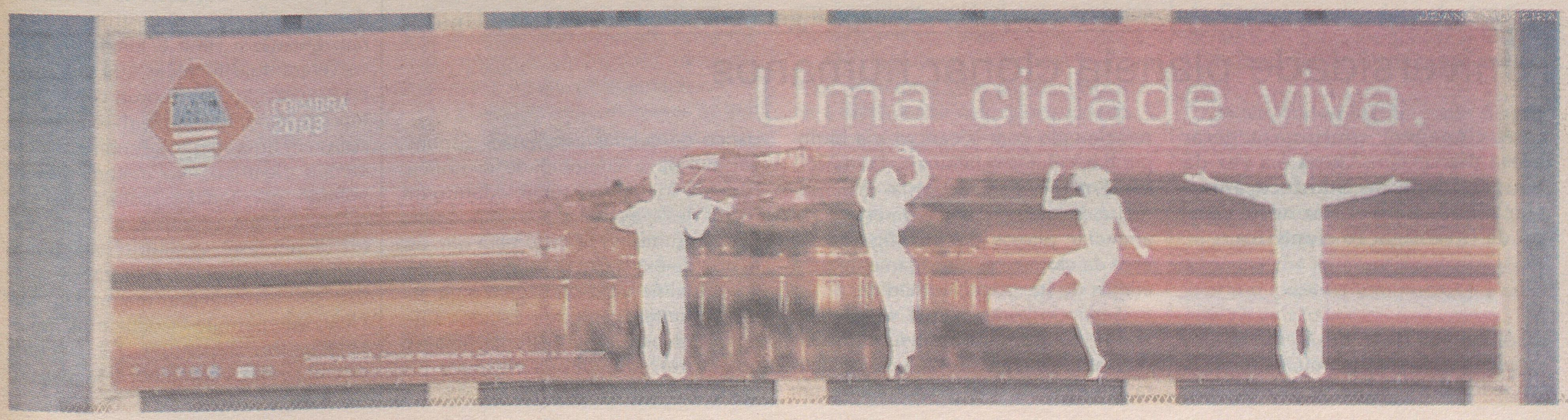
O poeta e eurodeputado do PSD espera que a Coimbra Capital Nacional da Cultura seja "um bom ensejo para uma requalificação urbana e para manifestações culturais importantes". Para Vasco Graça Moura, "Coimbra sempre foi um foco de cultura circunscrito ao meio académico, e portanto em constante mutação cultural. Desse meio praticamente nada irradiava para a restante população da cidade". Porém, acredita que "Coimbra não está no mesmo tipo de insularidade a nível cultural" de há alguns anos e que "a CCNC pode, de alguma maneira, reequilibrar o sistema".

Depois de terminado o evento, deve procurar–se "uma continuidade na procura e na oferta cultural, não necessessariamente financiada pelo Estado. É importante que a CCNC estimule essa procura e não se confine ao ano em que tem lugar".

Vasco Graça Moura entende que "as capitais nacionais da cultura são sempre menos ambiciosas do que as capitais europeias, por isso é natural que o financiamento seja menos expressivo". Ainda assim, as verbas atribuídas à CCNC parecem–lhe "razoáveis", mas "apenas se poderá dar uma opinião mais ou menos segura, conhecendo o conjunto de projectos que estão na forja".

A um mês da inauguração da Coimbra 2003, o eurodeputado recorda "o conjunto de desastres urbanos, que foi a Porto 2001 Capital Europeia da Cultura", como um exemplo a não seguir em Coimbra. "Houve um leque muito vasto de realizações, algumas de grande mérito, mas não houve preocupação em colocá–las ao alcance da maioria da população". Ainda comparando a Porto 2001 com a CCNC, Vasco Graça Moura espera que a cidade dos estudantes tenha "uma harmonia mais bem conseguida entre a qualidade das iniciativas e as necessidades da população".

No que diz respeito à divulgação do evento, considera que "não tem havido muita intensidade na promoção. Já se vai falando da importância que a realização pode ter, mas acho que podia intensificar–se essa divulgação e certamente nos próximos meses isso vai acontecer".



Novidades na luta contra a SIDA

# VIH enfrenta novos adversários

**Os cientistas fizeram recentemente uma descoberta que pode conduzir a novas terapias vitais. A esperança renasce para os portadores do Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH).**

JOANA FIALHO

Fruto de descobertas recentes, cinco novas armas estão agora à disposição dos especialistas no tratamento da SIDA. Inibidores de fusão, nucleótidos análogos, inibidores de integrase, inibidores "zinc finger" e medicamentos antisensoriais são novas substâncias activas que têm como principais objectivos proteger as células saudáveis, combater a alteração da enzima transcriptase e da enzima integrase que ocorre no organismo dos indivíduos infectados e, sobretudo, cercar o vírus para evitar que este alastre.

Os novos produtos, que se encontram ainda em fase experimental, são resultado de pesquisas autónomas de vários laboratórios internacionais privados. Apesar do optimismo, o certo é que as experiências realizadas até ao momento ainda não oferecem garantias suficientes para a sua utilização em fármacos.

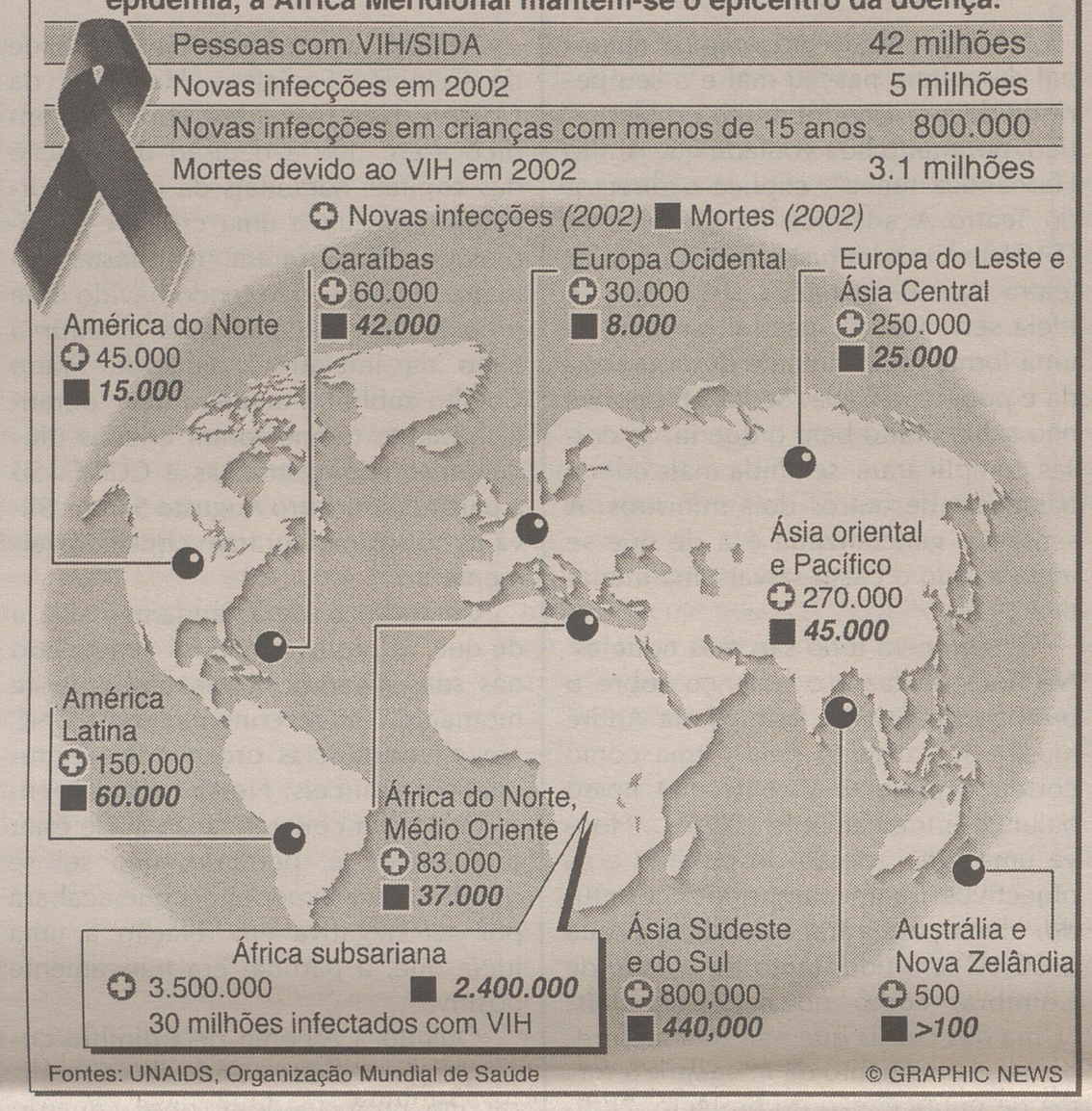
Segundo Mark Feinberg, do Centro de Investigação de Vacinação da Universidade de Emory, situado na Georgia, *nos Estados Unidos*, esta inovação não se trata apenas da colocação de novos medicamentos no mercado: "Fomos levados a aprender e a ser criativos dada a emergência desta epidemia, nomeadamente acerca do que pensamos sobre o tratamento de doenças infecciosas e auto–imunes e das doenças malignas em geral". O especialista norte–americano afirma ainda que "a SIDA teve um forte impacto na medicina, de uma forma que nunca poderia ter sido prevista".

Desde o seu aparecimento, há cerca de duas décadas, o vírus causador da SIDA colheu as vidas de cerca de 22 milhões de homens, mulheres e crianças e invadiu os sistemas sanguíneos de mais 42 milhões de pessoas. Hoje, os cientistas apostam na resistência viral como a principal forma de combate a esta epidemia.

## VIH/SIDA no mundo

**Actualmente existem mais mulheres infectadas com o VIH do que homens. Hoje, mais de 40 milhões de pessoas vivem com sida, segundo as Nações Unidas. Enquanto o mundo entra na terceira década convivendo com esta epidemia, a África Meridional mantém-se o epicentro da doença.**

| | |
|---|---|
| Pessoas com VIH/SIDA | 42 milhões |
| Novas infecções em 2002 | 5 milhões |
| Novas infecções em crianças com menos de 15 anos | 800.000 |
| Mortes devido ao VIH em 2002 | 3.1 milhões |




# Ciência distinguida em Estocolmo

**Os Prémios Nobel da ciência privilegiaram este ano estudos a nível microscópico que permitem um conhecimento mais aprofundado do universo e da biologia molecular. No dia do aniversário da morte de Alfred Nobel, alguns cientistas viram o seu trabalho reconhecido e distinguido pelo mais prestigiado galardão da ciência.**

LURDES LAGARTO
SUZANA MARTO

Decorreu na terça–feira em Estocolmo, capital da Suécia, a 101ª cerimónia de entrega dos Prémios Nobel. Nas áreas da Medicina, da Física e da Química foram distinguidos nove investigadores.

John Sulston, Robert Horvitz e Sydney Brenner foram galardoados com o Prémio Nobel da Medicina. Os estudos sucessivos destes investigadores ao verme "caenorhabdtis elegans" possibilitaram o acumular de conhecimento que levaria à explicação genética da renovação celular. Estas descobertas permitiram compreender como se desenvolvem algumas patologias, nomeadamente a sida e o cancro.

No campo da Física, foram premiados Raymond Davis Jr., Masatshi Koshiba e Riccardo Giacconi. Os dois primeiros distinguiram–se pelo trabalho de detecção, na Terra, de neutrinos provenientes do Sol e das estrelas. Os neutrinos são partículas microscópicas difíceis de detectar pois, para além de terem pouca massa e nenhuma carga eléctrica, quase não interagem com a matéria. Por sua vez, Riccardo Giacconi provou a existência de raios-x no universo ao encontrá–los fora do sistema solar. Giacconi envolveu–se na construção de telescópios que utilizam os raios-x e permitem obter imagens novas e nítidas do cosmos.

O desenvolvimento de métodos de identificação e de análise de macromoléculas biológicas foi responsável pela atribuição do Prémio Nobel da Química a Jonh Fenn, Koichi Tanaka e Kurt Wüethrich. Fenn utilizou a espectometria para analisar moléculas, permitindo identificar rapidamente uma substância. No entanto esta técnica não permite analisar macromoléculas como as proteínas, porque, para tal, era necessário dividi–las nos seus componentes básicos, os aminoácidos, sem alterar a sua estrutura original. Quanto a Fenn e Tanaka, desenvolveram duas técnicas que permitem esta separação. De acordo com o método de Fenn, introduzem–se as moléculas em líquido que se submete a um campo eléctrico. No método desenvolvido por Tanaka, colocam–se as moléculas em cristais que absorvem luz de um laser. Wüethrich adaptou à biologia molecular o método de análise de ressonância magnética nuclear, que permite visualizar as moléculas a três dimensões. Esta técnica permite conhecer melhor doenças como a BSE.

Movimento ambientalista surge no distrito de Viseu

# Há MAL(es) que vêm por bem

**Proteger o ambiente, numa zona onde a poluição ainda não chegou, é o objectivo principal.**

PEDRO RAMOS

O Movimento Ambientalista de Lafões (M.A.L.) foi apresentado oficialmente no dia 7 de Dezembro em Oliveira de Frades, vila que, conjuntamente com os concelhos de Vouzela e S.Pedro do Sul, constitui a região de Lafões, localizada no distrito de Viseu. Fundada por um grupo de amigos, a organização tem como objectivo principal preservar uma região onde os índices de poluição são ainda bastante reduzidos.

A promoção de uma estreita colaboração com os municípios dos três concelhos envolvidos, a sensibilização da população em geral e dos mais novos em particular (através de acções junto das escolas para explicar os problemas que afectam ou poderão afectar a curto prazo a fauna e a flora da região), bem como a atribuição de certificados de distinção ambiental às empresas menos poluidoras são iniciativas a desenvolver futuramente por este grupo.

Para já, a área de intervenção do movimento limita–se a esta zona. Contudo, segundo afirma Rogério Maia, um dos fundadores da organização, "a médio prazo pretendemos levar a cabo iniciativas de âmbito nacional em conjunto com outras organizações ambientalistas."

Clonagem gera polémica nos Estados Unidos

# Universidade planeia clonar humanos

**A clonagem continua a gerar acesa discussão. Agora é a vez da Universidade de Stanford anunciar planos para entrar neste campo da investigação científica.**

EMANUEL GRAÇA

A Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, anunciou, na passada terça–feira, a criação de um instituto relacionado com o cancro e a biologia das células estaminais. Desta forma, esta universidade torna–se na primeira instituição norte–americana a anunciar planos de investigação na área da clonagem, alegadamente para efeitos de investigação médica.

Segundo fontes deste estabelecimento de ensino, o grande objectivo do instituto será a procura de uma cura para o cancro e a criação de um banco de células estaminais disponível a toda a comunidade científica. Para tal, Irving Weissman, o futuro director deste instituto, já efectuou uma petição junto do Senado para que este tipo de experiência seja autorizada.

Actualmente, a clonagem é um tema bastante quente nos Estados Unidos, e coloca frente a frente liberais, defensores do papel da clonagem na ciência, e conservadores.

A Académica sofreu para ganhar

# Noventa minutos sem fim



Um jogo muito disputado, onde faltou qualidade

**A Briosa quase foi surpreendida pelos açorianos do Santa Clara. Apesar de ter estado a vencer por três bolas sem resposta, os últimos minutos da partida voltaram a ser sufocantes.**

TIAGO AZEVEDO

A Académica conseguiu a sua segunda vitória do campeonato, no sábado passado, frente ao Santa Clara. Uma vitória por 3-2 elevou a equipa academista à penúltima posição da tabela, com a mesma pontuação do último classificado (11 pontos em 14 jornadas).

Os estudantes começaram bem a partida, com um meio campo reforçado por três possantes atletas (Binho, André e Rocha), que transmitiram uma maior segurança à equipa. Após o entrosamento dos jogadores, a Briosa passou a comandar o jogo, construindo o primeiro lance de perigo perto da meia hora, através de uma cabeçada de Rocha que bateu na trave da baliza de Jorge Silva. Depois deste aviso, bastaram quatro minutos para que Binho, também de cabeça, fizesse o primeiro golo da Académica, na sequência de um cruzamento de Fredy.

O Santa Clara tentou reagir ao golo da Briosa, carregando mais sobre a defesa academista. Ceára, em jogada individual, entrou na área da Briosa e por pouco não igualou a partida antes do término da primeira parte. Como quem não marca arrisca–se a sofrer, a cinco minutos do intervalo Nuno Luís converteu um penalty, aumentando a vantagem academista para duas bolas sem resposta, resultado com que ambas as equipas foram para o balneário.

A segunda parte começou com a equipa visitante mais atrevida, em busca do prejuízo. Logo aos 50 minutos o perigo rondou a baliza de Pedro Roma e aos 64 minutos Lucílio Baptista, árbitro da partida, anulou um golo a Ceára. Aos 75 minutos, a melhor jogada da partida, protagonizada por Fredy, que arrancou pela esquerda até à baliza adversária, culminou no terceiro golo da Briosa, marcado por um defesa açoriano, infeliz no corte. A partir deste momento começou o "inferno" para a Académica... Os estudantes abrandaram o ritmo de jogo, concedendo mais espaços à equipa adversária, que os soube aproveitar. Aos 85 minutos, Brandão, acabado de entrar em jogo, só precisou de encostar o pé à bola para marcar o primeiro tento do Santa Clara. A Briosa acusou o golo e aos 90 minutos, Ceára, aproveitando a saída de Pedro Roma que tentava corrigir um erro do meio campo, passou a bola por cima dos jogadores da Académica reduzindo a diferença no marcador. Os últimos momentos foram marcados por um intenso nervosismo dos estudantes, cujo único objectivo era defender o resultado que garantia os três pontos. Como afirmou Vítor Alves, treinador interino, a Académica não devia ter passado desta forma os últimos minutos, mas é "com sofrimento que se consegue atingir os objectivos".

## Râguebi

A Académica de Coimbra obteve a sua primeira vitória na Série A da I Divisão Nacional, por 16-6 frente ao Agronomia. O jogo foi disputado num terreno lamacento, que dificultou o controlo da bola, mas, mesmo assim, os academistas entraram em campo com uma grande atitude competitiva e dominaram praticamente todo o jogo. Para isso, valeu a exibição de Cláudio Lima que, nas linhas dianteiras, retinha o maior tempo de posse de bola. Apesar do resultado dilatado, o conjunto forasteiro nunca baixou os braços, depararando–se com uma equipa empenhada.

Com este resultado, está iniciado o caminho da recuperação na tabela classificativa tendo em vista a fase final do campeonato.

## Voleibol

A Académica somou mais uma derrota em jogo a contar para a divisão A1 de voleibol.

Depois de ter sido derrotada na jornada anterior em casa do Leixões por 3-0, os estudantes sofreram novo desaire pelo mesmo resultado, desta feita contra o Vitória de Guimarães.

O triunfo dos vimaranenses no pavilhão 3 do Estádio Universitário é enganador, uma vez que o jogo foi bastante equilibrado, valendo essencialmente pelo primeiro e pelo terceiro set, que foram disputados ponto a ponto. De salientar que a Académica apresentou Bira, o capitão da selecção nacional, que foi o segundo melhor jogador da equipa nesta partida. A Académica ocupa actualmente o oitavo lugar da tabela classificativa.

## Basquetebol

A equipa sénior masculina da Académica recebeu e venceu, por 98-85, o Basquete de Ovar, subindo à liderança da classificação da II Divisão A, em igualdade pontual com a equipa de Ovar e o FC Porto.

Os "estudantes" entraram bem no jogo, actuando com grande velocidade e defendendo com agressividade. A chave residiu na forma como a equipa de Coimbra soube escolher as soluções atacantes e marcar os melhores atletas adversários. Depois do intervalo, a Académica voltou a dar maior velocidade ao jogo e, embora o adversário apresentasse bons apontamentos técnicos, acabou por ganhar vantagem no marcador. A arbitragem foi bastante fraca e a equipa da casa pode queixar–se de muitas das suas decisões.

BOLA AO AR
JOÃO CORTESÃO

## Talvez... Briosa

Há duas semanas atrás passaram por este espaço palavras de alarme e de preocupação. Desde então assistimos à saída de um treinador, de um adjunto e de toda a Direcção do clube, que abandonou o cargo depois de ter sido alvo de muitas e duras críticas.

De realçar que dois dias depois da "tomada de posse" da Comissão de Gestão liderada por João Moreno são pagos os salários do mês de Setembro.

Esta medida levanta duas questões: ou o presidente Campos Coroa não fez tudo o que estava ao seu alcance para solucionar os problemas da Académica ou então foi deliberadamente afastado dos comandos do Organismo Autónomo de Futebol.

Afinal de contas... é apenas natural que existam muitas pessoas a desejar o lugar ocupado por Coroa durante tantos anos.

Passaram duas semanas e as certezas já começam a aparecer. Apesar de ter sido alvo de inúmeras "facadas" num espaço de tempo extremamente reduzido, a actual Comissão de Gestão começa a apresentar trabalho: Artur Jorge deverá estar próximo dos comandos da Académica e um dos quatro meses de salários em dívida já foi pago, possibilitando um suspiro de alívio dos inúmeros fãs das estrelas da Briosa (leia–se Dário, Lucas e outros possíveis mártires pela "causa Académica". Sim, porque a Académica é uma causa! Só assim podemos explicar tudo o que se tem passado nos últimos dias, desde as demissões até à luta, ou não, pelo poder).

"Pinto da Costa é o novo dono da Académica/OAF. ou não..."

Também interessante é acompanhar a "novela dos possíveis". Talvez o João Alves se demita, ou talvez não, assim como a Direcção, que talvez esteja cansada e não goste de ver a equipa no último lugar da tabela classificativa, tal como os adeptos. Talvez o ex–treinador da Académica vá para o Leixões, por troca com um senhor de nome Carlos que poderá rumar a Coimbra para, talvez, conseguir os resultados que Artur Jorge já vai prometendo. Talvez seja o professor Neca ou José Romão mas, com a possível saída do Dário e do "quase portista" Lucas, talvez já não aceitem as propostas que, provavelmente, nunca lhes foram endereçadas. Pinto da Costa é o novo dono da Académica/OAF, ou não... até porque as viagens ao Porto podem nem sequer ter acontecido.

Bonito era ver jogadores dos dragões a vestir de preto; por outro lado, talvez a cor não lhes fique bem. O preto fica bem aos jovens de Coimbra, dizem os entendidos, mas como o Xano talvez não queira assinar o contrato provavelmente irrisório que lhe foi proposto, vamos ter de procurar um substituto para usar a camisola 57; ou não...

Confuso? Apreensivo? A novela ainda está no primeiro de uma série de muitos episódios.

Prémios Salgado Zenha distinguem os melhores do ano na AAC

# Académica em festa, apesar das dificuldades

**Foram atribuídos, no início deste mês, os galardões que distinguem o trabalho das secções desportivas. Voleibol, ténis e râguebi foram as equipas da Briosa que mais brilharam ao longo do ano de 2002.**

PAULO ALEXANDRE TEIXEIRA

Decorreu no passado dia 2, no Centro Cultural D. Dinis, a sexta edição dos Prémios Francisco Salgado Zenha, que premeiam o que de melhor se fez em termos desportivos numa instituição que comemora 115 anos de existência. A Secção de Voleibol foi a grande vencedora, ao conseguir três prémios: o prémio Equipa, para os Seniores Masculinos, que subiram este ano à I Divisão, o prémio Atleta do Ano para André Lopes, "ex-aequo" com Luis Baião, actual campeão europeu de Karaté júnior, e o prémio Dedicação, para Rui Freitas, actual Director Técnico da Secção de Voleibol, no clube há 36 anos. Outra das secções em destaque foi a de Ténis, que recebeu o maior número de nomeações, sete ao todo, e que arrecadou o prémio de Secção do Ano.

Quanto a outros galardões, o realce vai para a atribuição "ex-aequo" do prémio Carreira para o futebolista Pedro Rocha e o jogador de râguebi Ricardo Vieira, os mais antigos atletas em actividade nas respectivas secções. No entanto, um dos momentos mais altos da noite foi mesmo a atribuição do prémio Conselho Desportivo a três pessoas: o professor António Bentes (Futebol), Manuel da Costa (Râguebi) e Luís Lopes da Conceição, que dedicou boa parte da sua vida a treinar várias gerações de nadadores no seio da Associação Académica de Coimbra, e que foi recebido debaixo de uma enorme salva de palmas, pois nesse dia comemorou o seu 77º aniversário. Na categoria de Prémio Prestígio, o vencedor foi José Miguel Júdice, actual Bastonário da Ordem dos Advogados e antigo praticante de basquetebol na Académica. Este sucedeu a outras grandes personalidades como Adriano Correia de Oliveira, Almeida Santos e Manuel Alegre, entre outros.

Noutras categorias, Paulo Barros foi consagrado o treinador do ano, premiando a boa época da equipa de basquetebol na categoria de iniciados masculinos. A judoca Joana Santos Costa foi a vencedora do prémio Atleta Revelação e a Secção de Desportos Náuticos viu a sua atleta Cátia Santos vencer o prémio de Atleta de Formação. Por fim, na categoria de Empresa do Ano, o grande vencedor foi o Casino da Figueira.

No final da cerimónia de entrega dos prémios, o vice-reitor Seabra Santos e o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Vítor Hugo Salgado, realçaram a importância dos prémios Salgado Zenha enquanto forma de premiar os atletas da Briosa e como forma de reconhecimento público por parte da instituição que representam.



Secção de Voleibol foi a grande vencedora em noite de gala

## Os Vencedores:

**Atleta do Ano:**
André Lopes (Voleibol)
Luis Baião (Karaté)

**Treinador do Ano:**
Paulo Barros (Basquetebol)

**Equipa do Ano:**
Equipa Sénior Masculina da Secção de Voleibol

**Secção do Ano:**
Secção de Ténis

**Atleta de Formação do Ano:**
Cátia Santos (Desportos Náuticos)

**Atleta-Revelação do Ano:**
Joana Costa (Judo)

**Dirigente do Ano:**
Jorge Silva (Râguebi)

**Empresa do Ano:**
Casino da Figueira

**Prémio Dedicação:**
Rui Freitas (Voleibol)

**Prémio Carreira:**
Pedro Rocha (Futebol)
Ricardo Vieira (Râguebi)

**Prémio Prestígio:**
José Miguel Júdice (ex-atleta da Secção de Basquetebol)

**Prémio Conselho Desportivo:**
Manuel da Costa (Râguebi)
Prof. António Bentes (Futebol)
Luis Lopes da Conceição (Natação)

Capitão da selecção nacional de voleibol assinou pela AAC

# Bira na Académica

**O actual capitão da selecção nacional portuguesa é o mais recente reforço da equipa sénior masculina da Secção de Voleibol da Associação Académica de Coimbra.**

JOÃO CORTESÃO

Bira, brasileiro naturalizado, foi apresentado na passada sexta-feira, como jogador da Académica, numa conferência de imprensa que teve lugar na "casa" do voleibol em Coimbra: o Pavilhão 3 do Estádio Universitário. Esta contratação apenas foi possível graças ao apoio financeiro de uma empresa sediada na zona de Lisboa e afigura-se extremamente importante na luta para fugir à despromoção. De realçar que, neste momento, a Académica conta apenas com dois jogadores profissionais no seu plantel: o brasileiro Silfaney Assis e, desde a última sexta-feira, Ubirajara Pereira.

Bira foi bicampeão nacional pela equipa do Castelo da Maia nas duas últimas temporadas e afirma estar preparado para realizar uma grande época em Coimbra, ao serviço da Associação Académica de Coimbra. O facto de ser estudante da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra há mais de um mês foi um factor determinante para o sucesso das negociações entre o jogador e a Académica.

No passado sábado, o ex-jogador da equipa do Castelo da Maia já teve oportunidade de mostrar serviço pelas cores da Académica, num jogo frente ao Vitória de Guimarães que se saldou por uma derrota pesada, que empurrou a equipa da Briosa para o oitavo lugar da Divisão A1.

Para Rui Castro, treinador da equipa de voleibol da AAC, esta contratação é extremamente importante para as aspirações da Académica, que pode agora contar com mais um jogador de inquestionáveis qualidades. De realçar que Bira está sem jogar desde o Mundial da Argentina, devido a um desacordo com o Castelo da Maia, relativo ao pagamento do mês de Setembro.



TEUC leva a palco uma produção de raiz

# O tic–tac dos dias

**Retratando a superficialidade do quotidiano, "TALK the TALK & THE JAY" promete levar o público a constatar a fragilidade das relações humanas.**

CELINE CANGUEIRO
JOANA MOREIRA

O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) estreou ontem a peça "TALK the TALK & THE JAY" que estará em cena até dia 21 do corrente mês, no Teatro de Bolso.

Ao contrário do que tem vindo a ser desenvolvido pelo TEUC, apostado sobretudo na encenação de peças conhecidas do grande público, "TALK the TALK & THE JAY" surge como um desafio para o grupo, pois é uma criação própria que implica todo um trabalho que vai desde a encenação à concepção de figurinos.

O autor do espectáculo, Pedro Malacas, define a peça como um "retrato da fragilidade das relações humanas". Os discursos triviais emergem com o propósito de fugir ao vazio do silêncio. "Há sempre a possibilidade de uma destas conversas fazer um clique, mudar a vida de muita gente", afirma. O objectivo é "reforçar a superficialidade do dia–a–dia". Pedro Malacas integra ainda excertos de Chico Buarque e Tony de Matos na fala dos personagens, pois considera que estes autores do quotidiano "se encaixam perfeitamente na linha da peça".

Com a primeira apresentação pública em 1938, o TEUC, inicialmente dirigido pelo professor Paulo Quintela, consagrou–se pela representação de várias obras de Gil Vicente. Quinze anos volvidos desde a última vez que levaram a cena uma criação sua, a companhia propõe–se agora voltar fazê–lo. Pedro Malacas realça que "a iniciativa contribui também para confrontar as gerações que integram a companhia, bem como para fortalecer a coesão da mesma".

## Novo espaço

O Teatro de Bolso surge como um espaço renovado, incorporando as condições necessárias para a apresentação de vários tipos de espectáculo. Situado no segundo piso do edifício da Associação Académica de Coimbra, esta sala foi alvo de um processo de remodelação a nível infraestrutural e técnico durante vários anos. Apesar da demora, o TEUC vê assim concretizado um dos seus objectivos: poder ensaiar e apresentar as suas peças num espaço que garanta o bem–estar do público.


D.R.

"TALK the TALK & THE JAY" é a nova produção do TEUC

Zé Eduardo Unit ao vivo no TAGV

# "A Jazzar no Cinema Português"

**A tournée nacional de lançamento da nova proposta musical do trio dirigido por um dos mais prestigiados nomes do jazz português e fundador do Hot Club de Portugal passa pela cidade dos estudantes. Coimbra a "jazzar" ao ritmo da sétima arte.**

PAULO NUNO VICENTE

O trio de jazz, encabeçado pelo contrabaixista Zé Eduardo está hoje de visita a Coimbra para um concerto no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). O espectáculo baseia–se na mais recente aposta discográfica do grupo, "A Jazzar no Cinema Português", com a chancela do Cineclube de Faro.

O álbum é composto por um lote de dez versões de Zé Eduardo sobre canções ou temas compostos para filmes portugueses. Na lista de autores figuram nomes bem conhecidos do grande público - Pedro Abrunhosa, Sérgio Godinho ou Carlos Paredes, que são interpretados por três músicos de jazz de renome internacional, Zé Eduardo (contrabaixo e piano), Jesus Santandreu (sax tenor) e Bruno Pedroso (bateria).

O projecto nasce em 1999, por altura da comemoração dos 25 anos do 25 de Abril, quando o Cineclube de Faro convida Zé Eduardo a fazer uma interpretação de cinco temas utilizados em películas portuguesas ligadas à revolução. Três anos mais tarde, o músico português recebe nova encomenda. O pedido baseia–se, de novo, em cinco canções, também estas utilizadas pelo cinema português.

De acordo com palavras de Zé Eduardo, a ideia de gravar um álbum com o que daí resultasse foi, desde logo, uma hipótese a considerar: "Sempre comentámos que o produto final devia ser gravado em disco, já que era algo inédito em Portugal".

O músico faz um balaço positivo do processo de produção do disco, saído para os escaparates no passado dia 9 de Dezembro. "Apesar de todos os condicionalismos inerentes a um projecto deste tipo, o resultado foi bem conseguido". Contudo, Zé Eduardo salvaguarda que "conseguir vender, em Portugal, 2000 exemplares de um álbum de jazz é uma proeza". E faz uma comparação original: "A vida de músico assemelha–se a um electroencefalograma: é feita de altos e baixos".

Pedro Barroso no 62º aniversário do Ateneu

# Crónicas musicais

**O autor de "Viva quem canta" e "Menina dos Olhos d'Água" traz a Coimbra sons tradicionais portugueses, numa noite de música crítica e irreverente.**

SANDRA DIAS
JOÃO PEDRO MARQUES

Pedro Barroso sobe amanhã ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente para um espectáculo inserido nos eventos comemorativos do 62º aniversário do Ateneu de Coimbra. O cantor irá apresentar o seu último trabalho de originais, "Crónicas da Violentíssima Ternura" (2001), que confirma e aprofunda a direcção tomada nos registos anteriores: uma maior complexidade musical e temática.

A primeira parte do espectáculo será assegurada pelo projecto Ginga, um colectivo nascido no seio do próprio Ateneu, que procura recuperar para moldes actuais alguns instrumentos da música tradicional portuguesa, como a concertina, o bandolim, o cavaquinho ou a popular gaita de foles.

O autor de "Menina dos Olhos d'Água" iniciou a sua carreira a compor e a participar em sessões de teatro radiofónico. Pouco tempo depois, dava o salto para o pequeno ecrã, no célebre "Zip Zip" (RTP), em 1969. No ano seguinte faz a sua estreia discográfica com o álbum de originais "O Trova–dor", vista por muitos como uma ruptura em relação ao nacional cançonetismo. Foi o início de uma carreira, que leva já mais de trinta anos, a cantar a mulher, o mar, a natureza, os tipos humanos, a solidariedade, o amor. Pelo meio, mais de uma dezena de originais, dos quais se destacam "Roupas de Pátria Roupas de Mulher" (1987), galardoado com o Prémio Directíssimo - Melhor Disco do Ano, "Cantos de Oxalá" (1996), que conta com a colaboração de Janita Salomé e Manuel Freire, ou ainda, "Crítica–mente" (1999).

As palavras e melodias de Pedro Barroso já o levaram a viajar um pouco por toda a Europa, o que lhe permitiu alcançar uma outra dimensão da portugalidade, tema omnipresente na sua obra desde o início. A música deste ribatejano caracteriza–se, também, por uma faceta interventiva e crítica, que nos concertos assume um papel importante. Um homem que aprecia o contacto directo com o público, como comprova o último lançamento do cantor, "De Viva Voz", um álbum que reúne alguns dos melhores momentos ao vivo entre 1997 e 2002.

Maria Filomena Mónica partilha reflexões

# "Sou muito solitária e a política é algo de

ARTUR SILVA



"No tempo dos meus netos, vai ser mais agradável viver em Portugal"

**Em entrevista, a socióloga Maria Filomena Mónica fala um pouco de si e convida a reflectir sobre os problemas do mundo e de Portugal.**

CARINA VALÉRIO

A autora de uma biografia de Eça de Queirós explica porque é tão difícil biografar em Portugal. Fala da sua relação com a política e tece considerações sobre os mais variados temas da actualidade, como a demissão do reitor em Coimbra ou o novo Código do Trabalho.

**Numa das suas crónicas diz ser tida como uma mulher seca, altiva e distante. Esta imagem corresponde à verdade?**

Não. Acho que não sou seca, sou doce, não sou altiva, sou acessível e não sou distante, estou perto das pessoas. É uma imagem, em parte, criada por uma máscara de defesa que eu forjei. É uma estratégia de defesa.

**É por isso que raramente aparece na televisão?**

Eu detesto ir à televisão. Nunca vou a não ser para falar dos meus livros. Não gosto, não estou à vontade com câmaras e com máquinas (risos). Fico muito rígida, eu reconheço isso.

**Afirmou que quando começou a escrever a biografia do Eça se deparou com o facto de haver pouquíssimas em Portugal. Acha que as biografias são um género que tende a crescer em Portugal?**

É um género muito popular, até às vezes demasiado popular no mundo anglo–saxónico. Só do Churchill deve haver umas quinhentas.

**Mas disse que para si o facto de já terem sido feitas biografias não é um impeditivo para que as faça.**

Não. Não é uma impossibilidade. Em Portugal é muito difícil biografar porque nós temos muito poucas fontes, os arquivos são muito mal organizados e as famílias não tratam muitas vezes dos papéis dos seus antepassados, o que é uma pena. Para além da capacidade de imaginação que é preciso ter ou da qualidade literária, o acesso às fontes é muito difícil em Portugal.

**Às vezes parece obra do destino. Eça não queria que fosse feita uma biografia sua e o navio que trazia todos os seus papéis de Paris acabou por naufragar.**

É. No caso do Eça parece que foi uma espécie de brincadeira divina.

**Foi Deus a fazer–lhe a vontade...**

Foi. Mas eu não lhe fiz a vontade (risos). Eu gostava muito de fazer a biografia do Cesário Verde, porque é dos escritores do século XIX com quem eu tenho afinidade. Depois do Eça, gosto muito do Cesário. O Cesário também tem outro aspecto de intervenção divina: os seus papéis foram todos consumidos num incêndio. Há tempos desafiaram–me a fazer uma biografia do Fernando Pessoa, mas eu não tenho nenhuma empatia com o Fernando Pessoa. Tenho que ter uma relação afectiva, ou positiva ou negativa, com a pessoa que estou a biografar.

**Segundo Eça, "se nem a crise do Ultimato servira para acordar o país, nada poderia desviá–lo, pensava, do sonolento caminho para o abismo." Estará Portugal cada vez mais perto desse tal abismo de que Eça falava?**

Não. Acho que em 1890 o Eça estava já muito decepcionado e pessimista. O país tem oito séculos, não vai para o abismo. Gradualmente vai integrar–se na Europa. Não deixaremos de ser país, passaremos a fazer parte mais integrada num conjunto mais vasto. Para mim isso é positivo, não é caminhar para o abismo. Nós estamos numa crise conjuntural económica e financeira. A prazo, no tempo dos meus netos, vai ser mais agradável viver em Portugal do que agora. Normalmente sou pessimista, mas não quanto ao país, sou pessimista quanto a mim (risos).

**Concorda com Vasco Pulido Valente quando ele diz que ainda é muito cedo para se fazer uma História Contemporânea de Portugal?**

Não. Acho que ele tem preguiça. Ele devia fazê–la.

## Politiquices

**Jorge Miranda, Marcelo Rebelo de Sousa, Barbosa de Melo, António Barreto entre outros, vêm sendo ouvidos no Parlamento no âmbito da Comissão da Reforma do Sistema Politico. Se fosse convidada que propostas faria?**

Mudar imediatamente a lei eleitoral. Retira poder aos cidadãos, como eu, e dá poder quase exclusivamente aos partidos para fabricarem listas. Um dos problemas do Parlamento, e está ligado a este, é o problema das substituições. As pessoas não estão em permanência no Parlamento e podem ser substituídas por anónimos das listas em que, provavelmente, os eleitores não se reconhecem. Eu certamente não me reconheço.

**Não é dada ao eleitor a possibilidade de votar em pessoas, tem de votar em listas e em partidos o que diminui...**

A responsabilidade deles e o meu interesse.

**Afirma ser de esquerda. Como é que se sente uma mulher de esquerda perante o novo Código do Trabalho?**

Sou de esquerda porque a direita portuguesa sempre foi essencialmente autoritária na política, conservadora nos costumes e intolerante na religião, e eu isso não suporto. A tradição humanista e individualista é um património também da esquerda e não faço tensão de mudar de filiação ideológica. Quanto às leis laborais, não as conheço em pormenor, o assunto é muito técnico, acho que está mal explicado e mal debatido... O que está consagrado nas leis parece–me ser insustentável com uma economia competitiva num mercado alargado. Imagine que sou patroa de uma empresa e tenho trinta trabalhadores, se não os posso despedir, se não posso premiar os melhores nem punir os maus, acho que isso é desmoralizador.

**Em Portugal não se premeia o mérito?**

Não. Tende a estabelecer–se uma espécie de uma mediania em que todos estão mais ou menos.

**Disse que nunca se filiou num partido político porque não se queria sujeitar ao percurso do carreirismo político...**

Eu acho que não usei bem essas pa-

# incompatível com isso"

lavras. Eu tinha uma visão romântica da política quando foi o 25 de Abril. Eu aspirava a uma espécie de chefia carismática, romântica no sentido em que achava óptimo que se pudesse falar às multidões num comício, embargar as massas e ir para o Parlamento fazer grandes discursos. Acabei por reconhecer que não estava exactamente pronta a pagar o preço. Não é bem carreirismo. Acho que há um cursus honorum, uma carreira que passará provavelmente por colar cartazes. Mas o que me custava principalmente não era colar cartazes mas sim ir a reuniões e estar a perder horas e horas em conversas. Isso faz parte da política, conspirar, ir a reuniões. Eu na carreira académica fiz os passinhos todos e na política parece que queria dar uma espécie de um salto e ascender logo à chefia... Depois percebi que basicamente não tenho jeito. Sou muito solitária e a política é incompatível com isso.

## Ensino em português

**Como analisa a actual situação da Universidade de Coimbra, mais especificamente no que diz respeito à demissão do reitor?**

Acho que um reitor não se demite perante o Governo, isso era no Estado Novo. O reitor é eleito. Mal eleito, mas é eleito segundo a lei da autonomia universitária. Portanto é um disparate ele ter como interlocutor o Governo e dizer que se quer ir embora.

**Qual a sua opinião relativamente à possibilidade do alargamento do ensino obrigatório até ao 12º ano?**

Acho um disparate sem nome. As primeiras coisas devem ser postas em primeiro lugar. Primeiro cumprir a escolaridade obrigatória dos nove anos que não está a ser cumprida porque o pais está muito pobre e numa crise económica. Hoje em dia ainda há ilhas e aldeias no país onde a escolaridade obrigatória não é cumprida por pura miséria, portanto, há aqui um problema de desenvolvimento. Para mim é o desenvolvimento económico que leva a um aumento da escolaridade, e isto é uma espécie de causalidade que a maior parte dos políticos e dos sociólogos não aceitam. Basicamente eles estão a fazer isto para os jovens que estão no desemprego não aumentarem as estatísticas do desemprego. É demagogia pura. Deviam tratar primeiro que as escolas fossem boas e que os pais tivessem meios financeiros para prescindir do trabalho dos filhos.

**Oswald Le Winter, ex-CIA refere no seu livro "Desmantelar a América" a possibilidade de tanto a CIA como outras organizações poderem ter tido conhecimento dos ataques do 11 de Setembro e simplesmente permitido que estes fossem perpetrados. Tendo em conta esta possibilidade não sente a sua certeza na superioridade da civilização ocidental abalada?**

Não. Acho que as coisas são relativas. A civilização ocidental é melhor quando comparada com a civilização islâmica porque esta agregou num monólito a religião e o Estado, e isso é o pior que pode acontecer a uma sociedade. Já a sociedade ocidental separou os poderes de Estado e os poderes da religião de forma muito nítida nos últimos três séculos e isso é bom. Quanto à CIA e à sua eficácia, não faço ideia. Eu gostava de ser agente da CIA, é provavelmente uma profissão falhada. Numa organização desta dimensão há possibilidade de errar. Não sei se o erro da CIA foi negligência culpada ou não.

## Futuro

**Em que projectos está a trabalhar para um futuro próximo?**

Um futuro próximo é uma perspectiva pessimista. Eu estou a terminar coisas. Estou a terminar um projecto que comecei há cerca de oito anos, que é a publicação de um dicionário biográfico dos parlamentares desde 1834 até 1910. Estou também a terminar uma antologia do que eu considero o melhor jornalismo do Eça de Queirós. Acho que ele foi um grande jornalista e que essa sua faceta tem sido minimizada. Eu faço 60 anos em Janeiro e a partir de então só vou fazer exactamente o que me apetecer do ponto de vista intelectual, mas ainda não decidi muito bem o quê. Quero que o próximo livro me dê pelo menos tanto prazer a escrever quanto me deu a fazer a biografia de Eça de Queirós, e isso é difícil.

**Daqui a cinco anos poderemos voltar a ler as suas crónicas nos jornais ou já não lhe apetecerá fazê-lo?**

Acho que sim. Eu gosto de escrever para os jornais, gosto de escrever crónicas. É bom para mim enquanto universitária ter a necessidade de comunicar com um público alargado porque me faz sair destes muros da universidade em que o jargão é muito fácil instalar-se.

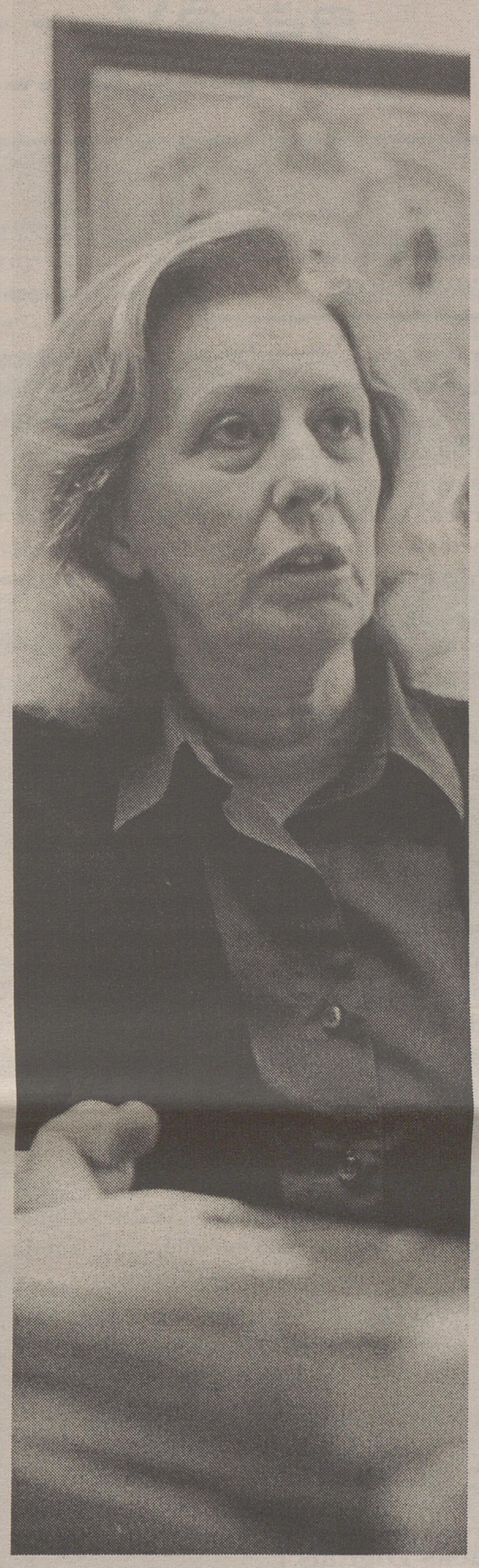
**E a crónica permite-lhe esse tipo de comunicação.**

Permite. E apura-me o estilo. Eu deixo de ser alguém que escreve para quarenta ou cinquenta pessoas e passo a pensar num público mais alargado, mil ou dois mil leitores.

**Quais são os livros que está a ler no momento?**

(risos) Para mim é estranhíssimo responder a essa pergunta, mas vou dizer exactamente, não tenho problema nenhum. Estou a ler as memórias do Ingmar Bergman. Eu estou a ler muitas memórias. Estive para ler um livro sobre o Tratado de Versalhes, depois não me apeteceu. Comprei uma biografia de Napoleão e uma do Wellington, mas também não me apetecia muito. Finalmente comecei a ler uma série de memórias, umas gostei, outras não, mas está-me a apetecer ler memórias. Esta do Ingmar Bergman, embora a esteja a ler em Português e está muito mal traduzida, é uma biografia estranha, muito aberta e sincera.

ARTUR SILVA



## A mulher

Maria Filomena Mónica nasceu em Lisboa em 1943. Em 1969 licenciou-se em Filosofia, na Faculdade de Letras de Lisboa. Doutorou-se em Sociologia pela Universidade de Oxford, em 1978 ("Popular Education in Salazar's Regime 1926-1939"), "pela razão espúria de ser proibido por Salazar" e foi em Oxford que "aprendeu a pensar". Actualmente é investigadora coordenadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Tem vários livros publicados, entre os quais "Visitas ao Poder"(Prémio Máxima de Literatura), "Os Filhos de Rousseau" , "Cenas da Vida Portuguesa", e mais recentemente, "Os Sentimentos de uma Ocidental" e uma biografia de Eça de Queirós. Afirma que "investigar e fazer jornalismo são coisas dificilmente compatíveis", visto que a investigação lhe exige "uma atenção exclusiva". Considera-se acima de tudo uma universitária que preza o pensamento e se sente livre para dizer o que lhe vai na alma, com a lucidez a que habituou os seus leitores.

A METAMORFOSE
GUSTAVO SAMPAIO

# O Abismo

O Fundo das Nações Unidas para a População acaba de divulgar um relatório que traça um cenário desolador do mundo actual, revelando que metade da população mundial sobrevive com dois euros ou menos por dia. Ou seja, cerca de três biliões de pessoas (sobretudo do hemisfério sul) vivem no limiar da pobreza e da miséria.

O desequilíbrio abissal entre os países economicamente desenvolvidos e os países subdesenvolvidos continua a ser aprofundado ao longo dos anos, consequência directa do processo de globalização neoliberal. Nos mercados mundiais, os países pobres não conseguem competir com os países ricos que apresentam produtos com preços mais atractivos, fruto de uma industrialização superior e de avultados subsídios estatais. Assim, o mercado livre beneficia apenas o mundo desenvolvido que consegue comercializar facilmente os seus bens de consumo ao nível global.

Subsiste um fundo de hipocrisia no conceito de liberalização económica mundial, nomeadamente em relação às políticas de proteccionismo que os países ricos impõem perante o comércio externo. Apesar de apregoarem um mercado livre, grandes potências como a União Europeia e os Estados Unidos da América negam o acesso aos seus mercados através de elevadas taxas aduaneiras, o que constitui uma verdadeira injustiça. Em Junho do presente ano, Carl Bildt

> "Três biliões de pessoas vivem no limiar da pobreza e da miséria"

alertava para um facto incontornável: "Quem defende a globalização, e tem parte activa na economia de comércio global, é quem prospera".

As nações economicamente poderosas disponibilizam fundos de auxílio aos países pobres, manifestamente insuficientes, como forma de combater as assimetrias. No entanto, mais do que de ajudas financeiras, o mundo subdesenvolvido necessita sobretudo da abertura dos mercados dos países ricos aos seus produtos, apenas possível através da extinção das políticas proteccionistas e dos subsídios agrícolas. Os países em vias de desenvolvimento dependem essencialmente da agricultura para as suas receitas em exportações e com a abertura dos mercados aos seus produtos teriam acesso a receitas muito superiores às ajudas financeiras que recebem actualmente, atenuando a sua pobreza.

O rumo que o mundo tomou faz prever futuras erupções de violência e conflitualidade nos países pobres, sinal do sentimento de revolta perante o mundo dos ricos. É urgente agir de forma a equilibrar o nível de vida mundial. Não com a falsa caridade do costume mas através de medidas eficazes, fomentando a justiça social e a igualdade de direitos. Como aconselha um ancestral provérbio chinês: "Quando encontrares um pobre não lhe dês um peixe, ensina-o antes a pescar".

# Artes Feitas

## Ouve-se

### Um novo suspiro escandinavo

Rui Caniço

Apesar de pouco virginal, a aproximação entre as electrónicas e o jazz tem-se feito de parte a parte nas últimas décadas, embora, por vezes, com resultados muito díspares, mas sempre com a certeza de que este casamento abriria um campo infinito de possibilidades estéticas.

Imagine-se, contudo, que activistas de linguagens contraditórias (ou talvez nem tanto) como sejam o (pós-)rock, as electrónicas experimental e dançável ou o próprio jazz moderno decidem acumular energias e fazer acreditar o ouvinte que a experiência adquirida em cada um dos géneros pode alargar as fronteiras da descoberta.

*Jaga Jazzist*

*A Livingroom Hush*

*2002, Ninja Tune, Ananana*




Que o diga o colectivo de dez músicos de Oslo Jaga Jazzist, que agora vêem a londrina Ninja Tune reeditar-lhes o seu primeiro trabalho de originais, A Livingroom Hush, volvido um ano após a edição na Noruega (e com garantias de lançamento em Março próximo de The Stix, novo registo entretanto já editado no país natal).

Partindo da malha complexa de imposições rítmicas da bateria e/ou programações tecnológicas, as sonoridades desenvolvem-se com cada instrumento a ocupar um espaço tão subtil quanto natural (e note-se que a riqueza da diversidade instrumental é indesmentível). Em boa verdade convivem numa saudável atitude fusionista secções de metais (tuba, trombone, trompete e clarinete), guitarras eléctricas, baixo ou fender rhodes com a inesgotável parafernália electrónica.

O sentido de liberdade musical, de prospecção de ideias, de descompromisso cerebral vincado e de posturas compatíveis com o currículo musical de cada elemento indiciam a lógica perscrutadora e aventureira do projecto.

Um disco aconchegante que vem do frio escandinavo e que, para além de nova embalagem, carrega ainda uma faixa interactiva com o vídeo do próximo single, Animal Chin.

### Trio Maravilha

Hugo Ferreira

Quando João Gilberto lançou "Chega de Saudade" e surgiu a bossa nova ou quando Tom Zé apresentou Caetano a Gilberto Gil para iniciar o movimento Tropicalista, nenhum imaginaria que poderia alterar significativamente a música brasileira e influenciar decisivamente muitos outros géneros musicais.

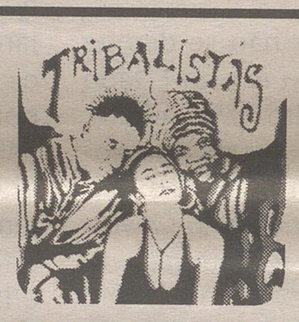
Mesmo quando se pensou que já nada poderia valer a uma movimentação tão grandiosa como a bossa nova num país musicalmente tão rico, Chico Cience, com a sua Nação Zumbi, criou o "Maracatu Atómico" e a partir daí foi uma profusão no que toca ao desfile de novos talentos. Marisa Monte, Arnaldo Antunes (e os seus Titãs) e Carlinhos Brown têm sido apenas três dos mais bem sucedidos entre figuras como Lenine, Luis Pedro & a Parede, Zeca Baleiro ou Moreno Veloso.

Desta forma, a génese do projecto "Trio Maravilha" surge por acaso quando Marisa Monte foi ter com Arnaldo Antunes com o intuito de gravar um tema para o seu novo disco (que estava a ser produzido por Carlinhos Brown) e os três acabaram por ficar juntos uma semana a fazer músicas que, bem vistas as coisas, já faziam um disco... Marisa passou então a liderar o projecto e a tomar conta da produção e ofereceu a sua casa para que, sem qualquer tipo de pressões e deixando correr ainda mais a cumplicidade, se chegasse à fase final da química, se chegasse ao tribalista de cada um. De referir que todo este processo descontraído foi filmado e deu origem também a um DVD...

*Tribalistas*

*Tribalistas*

*2002, EMI*




Se o single "Já sei namorar" poderia parecer pouco auspicioso, a verdade é que há já muito tempo que do país irmão não chegava um disco tão consistente e inventivo. Basta começar a ouvir pelo primeiro tema do disco em que um "Bom dia Comunidade" abre caminho a uma fusão samba-bossa-tropicalista designada de "Carnavália" .

Se colaborações entre grandes nomes da música brasileira quase sempre resultaram bem (Tom e Elis, Doces Bárbaros, Chico e Caetano), desta não se poderia esperar outra sorte: a espontaniedade de Carlinhos Brown e a racionalidade poética de Arnaldo Antunes reúnem-se sob a batuta de Marisa Monte, que lhes confere uma unidade harmónica invejável.

## Em_Linha

### Máquinas Fotográficas Digitais

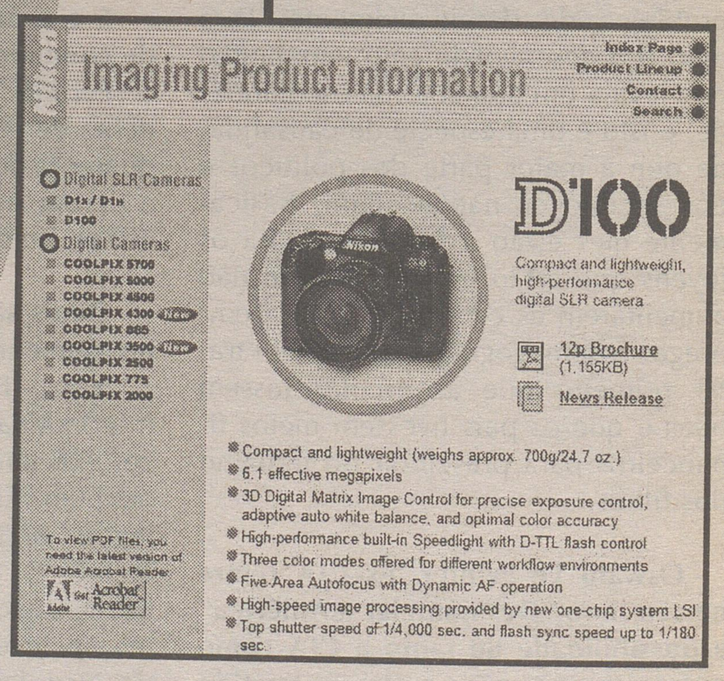
Nuno Curado ncurado@ipn.pt

Época de Natal, altura de prendas, com as vendas das máquinas fotográficas digitais a subirem em flecha. No entanto, a variedade e os preços existentes no mercado levam, por vezes, à confusão. Por isso é necessário esclarecer a diferença entre os diferentes aparelhos, neste caso tendo como única referência o hardware usado na captura da imagem - visto que se tem assistido a uma diminuição do preço das máquinas digitais associado à introdução dos sensores CMOS em detrimento dos mais caros CCD.

As máquinas digitais funcionam através de sensores que convertem luz em cargas eléctricas, que por sua vez são transformadas em sinais digitais. Máquinas com CCD (Charge Coupled Device) são as mais comuns, embora também existam máquinas com sensores CMOS (Complementary Metal Oxide Semiconductor). Estes sensores são conjuntos de pequenos diodos fotossensíveis cujo objectivo é converter fotões (luz) em electrões (cargas eléctricas). O posicionamento de milhares de diodos cria uma grelha bidimensional, em que cada um adquire um nível de energia acumulado correspondente à luz a que foi exposto. O passo seguinte é a transformação dos valores de cada uma das cargas num pedaço da imagem. Isso acontece através de um conversor analógico-digital que transforma as cargas em sinais digitais. O funcionamento do diodo é muito simples: quanto mais luz capta, maior é a carga eléctrica que vai acumular. A principal diferença entre os diferentes sensores está na maneira como fazem essa transformação.

Os sensores CCD criam imagens de alta qualidade com poucas interferências, ao contrário dos CMOS que são tradicionalmente sensíveis a interferências na imagem. Outra desvantagem do CMOS é que possui uma sensibilidade à luz mais baixa. Como o CMOS possui transístores colocados perto do sensor, muitos dos fotões acabam por atingir o microchip em vez dos diodos fotossensíveis. O fabrico dos CCD é um processo com alguns anos, o que implica uma maturidade de fabrico maior. Estes sensores possuem pixeis com mais qualidade e em maior número.

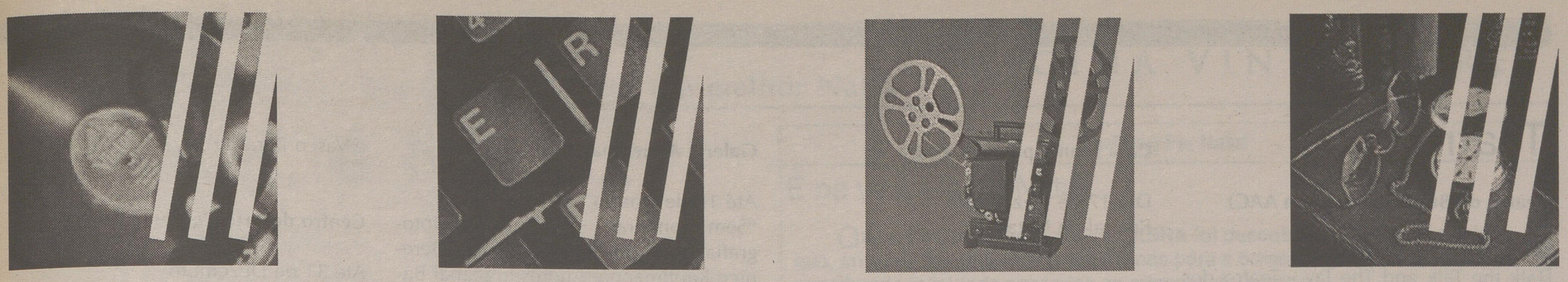
Mas nem tudo são desvantagens do CMOS em relação ao CCD. Os sensores CMOS consomem cerca de cem vezes menos energia que os CCD devido à sua arquitectura. Os sensores CCD são tendencialmente usados em câmeras com alta qualidade de imagem, muitos pixeis e boa sensibilidade à luz. Já os sensores CMOS são usados nos aparelhos de baixa qualidade, resolução e com um nível de sensibilidade mais baixa. Claro que as máquinas equipadas com CMOS são mais baratas e o tempo de vida da bateria costuma ser mais elevado devido ao seu baixo consumo. Possivelmente a evolução dos CMOS levará a que a sua qualidade seja semelhante ao CCD, mas ainda não se chegou a esse ponto.




http://www.digital-camera-trade.com

http://www.digitalcameras.com

http://www.ny-camera.com



## Vê-se

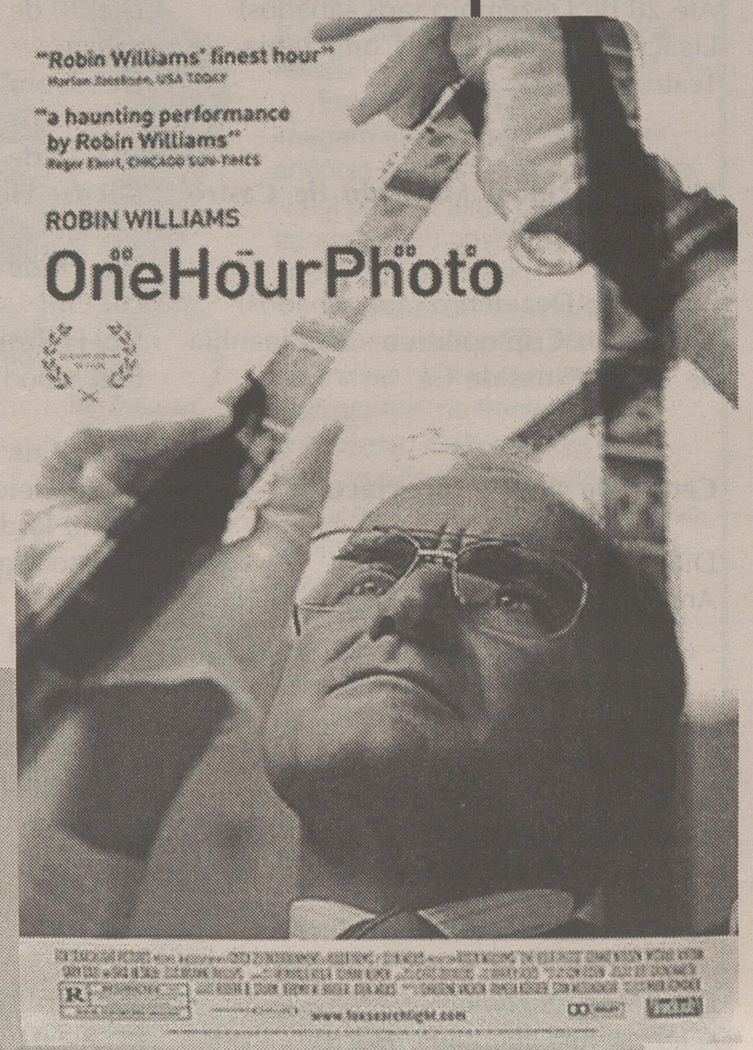
### "One Hour Photo", de Mark Romanek

GUSTAVO SAMPAIO

Ao caminhar na rua, por vezes, fixamos um rosto desconhecido e ao longo de dois extensos segundos o tempo parece suspenso naquela imagem que se reflecte intermitentemente no nosso subconsciente, como um caleidoscópio. Estes rostos de pessoas estranhas que nunca interceptaram a linha da nossa vida, e que provavelmente nunca voltaremos a encontrar, ficam guardados na nossa memória no formato de um fotograma. Resta a cada indivíduo revelar os negativos escondidos na própria alma no sentido de uma absoluta descoberta interior.

Uma família norte–americana de classe urbana, constituída por um casal e um filho pequeno, serve de modelo para o empregado da loja de fotografias onde revelam os rolos que testemunham as suas férias de verão, festas de aniversário ou simples passeios ao final da semana. Sy Parrish (representado pelo metamorfoseado Robin Williams, em versão subversiva) fomenta uma profunda obsessão pela família Yorkin, coleccionando cópias de todas as suas fotografias reveladas na loja. Solitário, carente, desprotegido, vive sozinho desde sempre e o único prazer que retira da vida é o trabalho na loja. Um funcionário exemplar, sempre muito meticuloso e rigoroso no processo de revelação e no atendimento aos clientes. No entanto, o seu mundo frágil acaba por desabar no instante do "flash" de uma máquina fotográfica, ao ser despedido do emprego devido às sucessivas cópias que fazia das fotografias da família Yorkin, que não eram contabilizadas. Simultaneamente, ao descobrir as fraquezas da família a que pertencia nos seus mais íntimos sonhos, precipitando uma enorme desilusão, o personagem transforma a sua pacatez em violência e procura exteriorizar a sua revolta. A família vê–se então violada na sua privacidade, descobrindo que aquela pessoa estranha à sua vida estaria a desenvolver uma paranóia "voyeurista" pela intimidade do casal e do seu filho.

Um filme conceptual, com a destreza de um bom "thriller", onde são explorados uma vez mais os recônditos cantos da consciência humana, a sua fragilidade e os seus limites emocionais. Os cenários são de uma sobriedade impressionante, sempre muito frios e submersos em reluzente claridade. O trabalho de fotografia, da responsabilidade directa de Jeff Cronenweth, revela um apurado sentido estético que integra todo um conceito minimalista de realização desenvolvido por Mark Romanek. Pela sua mão, a câmara parece distante. Mas na realidade está sempre muito aproximada das personagens, fazendo relembrar as palavras de Cindy Sherman sobre a sua própria criação: "Estas são fotografias de emoções personificadas, todas elas com a sua própria presença – não a minha".




## Lê-se

### Manuel Alegre
### Cão como nós
### Ed. Dom Quixote, 2002

ANDREIA FERREIRA

Um longo debate que perpassa a nossa cultura é o de saber se os animais têm a faculdade de razão, de articular o passado com o presente em prol de um futuro. Neste caso concreto, falamos dos cães, os nossos lobos domesticados. Serão os cães capazes de falar? De sorrir? Kurica, diz–nos Alegre, é um cão como nós. Um cão que sente como nós, um cão que todos somos: "o nosso cão, ou mais do que o nosso cão, um cão que não queria ser cão e era cão como nós".

Kurica é um cão que se recusa a ser cão, ou melhor, um cão que se furta à sua condição de cão, como nos recusamos a ser simples humanos–orgânicos, um mero "novelo de tripas", como nos diria Vergílio Ferreira, procurando esse mais que adivinhamos nas coisas, esse "qualquer coisa" que sentimos real à força de acreditarmos, que permanece quando os que amamos já não partilham quotidianos connosco.

Kurica, um cão que faz parte da família, que entristece quando a sua família se dói, que se alegra quando a paz é restituida; irmão dos filhos, filho da mulher e um amigo fiel de Alegre, que faz um esforço para o ver como simples cão, mas que se torna no seu amigo mais íntimo, lendo–lhe poemas e partilhando com ele a magia da música, que pressente Kurica sentir.

Manuel Alegre escreve em dois lances, um para nós, para que partilhemos a história de Kurica, aqui terceira pessoa; e num outro registo, para Kurica, essa ausência enroscada que sente a seus pés. Como gerir a dor deixada por aqueles que sem a nossa permissão nos abandonaram?

Kurica falava, mesmo não proferindo a palavra que sempre nele se esperou. Fala que se adivinhava no seu olhar, no seu andar, no seu silêncio; a fala que "está antes da palavra, como a poesia". Kurica falava e era ele mesmo, autêntico, senhor de si, sem nunca perder o sentido da sua existência, sentindo mesmo a aproximação da morte. Um cão como nós... gostaríamos, por vezes, de ser: "Alguém falou da tristeza e do vazio do olhar dos animais. Vi a tristeza, em certos momentos, no olhar do cão. A tristeza de quem quer chegar à palavra e não consegue. Mas não vi o vazio. O vazio está talvez nos nossos olhos. Quando por vezes nos perdemos dentro de nós mesmos. Ou quando buscamos um sentido e não achamos". Que olhar é esse que nos perscrute? Que verão os animais de nós? Que vemos de nós no olhar deles? Vemos o abismo, porque o animal é a alteridade pura, como partilha Derrida.

Mais do que um poema a seu cão, Manuel Alegre faz um hino ao amor, ao amor gratuito, que talvez nunca o seja porque nos alimenta, mesmo quando já não podemos retribuir. Um livro para todos, independentemente da cor política, independentemente de se ter cão ou não. Um livro sobre o amor, o que todos nós, sem excepção, buscamos, de uma forma ou de outra. Um amor pacífico, sem paixão, sem outro "pathos" que não o da perda.



# AGENDA

## Teatro

**Teatro de Bolso (edifício da AAC)**

Até 21 de Dezembro
Talk the Talk and The Jay - Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC)

**Mosteiro de S. Jorge de Milréus**

Até 28 de Dezembro (aos sábados)
Ligações Perigosas - Companhia de Teatro Fatias de Cá

**Museu Nacional Machado de Castro (Criptopórtico)**

Até 28 de Dezembro (aos sábados)
Astérix no Criptopórtico - Companhia de Teatro Fatias de Cá

**Centro de Artes e Espectáculos**

Dia 21 de Dezembro
Animaluquices - Volte–Face

## Música

**Teatro Académico de Gil Vicente**

Dia 17 de Dezembro
A Jazzar no Cinema Português

Dia 18 de Dezembro
Pedro Barroso
1ªparte - Ginga

Dia 19 de Dezembro
Orquestra de Câmara de Coimbra

**Casa Municipal da Cultura**

Dia 17 de Dezembro
Recital de Natal

**Café - Concerto Le Son**

Dia 19 de Dezembro
Speedball Baby
D3O

Dia 20 de Dezembro
Sativa
Freedoom

Dia 21 de Dezembro
Micro+ Hip Hop Djs

Dia 26 de Dezembro
Lift Off!
No–Fi Project
Bad Mood

Dia 27 de Dezembro
Super Deluxe
David Rodrigues
Afonso Macedo

**Capela da Universidade de Coimbra**

Dia 17 de Dezembro
Concerto de Natal - Coro da Capela da Universidade de Coimbra

## Exposições

**Teatro Académico de Gil Vicente**

De 18 de Dezembro a 2 de Janeiro
Avelino do Carmo, Eduardo Cruzeiro e Juan Soutillo

**Galeria Almedina**

Até 10 de Janeiro
"Sem Fronteiras" - exposição de fotografia de José Manuel Coutinho, Berenice Kauffmann e Andrés Irrazabal Banacore

Até 18 de Dezembro
Bordados de Castelo Branco e pintura em linho de Maria do Carmo Coroado

**Instituto Português da Juventude**

De 17 a 30 de Dezembro
Exposição de pintura de Raquel Coimbra

Até 30 de Dezembro
Banda desenhada pela APF

**Casa Municipal da Cultura - Galeria do Átrio e Galeria do Jardim**

De 19 de Dezembro a 5 de Janeiro
Escultura de José Conceição

De 19 a 31 de Dezembro
Pintura de Daniela Rodrigues Marques

**Centro de Artes e Espectáculos**

Até 31 de Dezembro
Um Mundo de Exposições, pelo Museu da Marinha

Até 2 de Fevereiro
O Fazer Artístico, pela Escola de Artes das Artes de Coimbra

**Edifício Chiado**

Até 5 de Janeiro
Exposição de pintura de Cunha Rocha e Vasco Berardo

**Centro de Arte Contemporânea**

Até 31 de Dezembro
Exposição de António Sousa

**Paletro - Arte Contemporânea**

Até 31 de Janeiro
Exposição colectiva de Natal

## Cinema

**Girassolum Coimbra**

Harry Potter e a Câmara dos Segredos
De: Chris Colombus
Sala 1: 12h50, 15h50, 18h50, 21h50

Crime em Primeiro Grau
De: Carl Franklin
Sala 2: 14h30, 16h45, 19h15, 21h45

**Cinemas Millenium - Avenida**

O Guru do Sexo
De: Daisy Von Scherler Mayer
Sala 1: 14h00, 16h00, 18h00, 20h50, 22h00, 00h00

Câmara Indiscreta
De: Mark Romanek
Sala 2: 13h45, 15h45, 17h45, 19h45, 21h45, 00h15

Harry Potter e a Câmara dos Segredos
De: Chris Columbus
Cine–Teatro: 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 00h30



## Farmácias de serviço

SP: Serviço Permanente - 9.00h às 9.00h  SR: Serviço de Reforço - 9.00h às 22.00h

**Dia 17 - Terça–feira**
M. Nazaré - SP
Estádio - SP
Universal - SR
**Dia 18 - Quarta–feira**
Paiva - SP
Baptista - SP
Cruz Viegas - SR
**Dia 19 - Quinta–feira**
Nazareth - SP
S. Sebastião - SP
Oliveira Ramos - SR
**Dia 20 - Sexta–feira**
Stª. Cruz - SP
Olivais - SP
S. Marinho - SR
**Dia 21 - Sábado**
Vilaça - SP
Cruz e Costa - SP
Isabel Folhas - SR
**Dia 22 - Domingo**
Adriana - SP
Donato - SP
Barros - SR
**Dia 23 - Segunda–feira**
Luciano e Matos - SP
Machado - SP
Mª. do Céu Albuquerque - SR
**Dia 24 - Terça–feira**
Santa Isabel - SP
Miranda - SP
Rocha - SR
**Dia 25 - Quarta–feira**
Gaspar - SP
Central - SP
Sitália - SR
**Dia 26 - Quinta–feira**
Rainha Santa - SP
Silva Soares - SP
Silcar - SR
**Dia 27 - Sexta–feira**
Figueiredo - SP
Celas - SP
Lopes Rodrigues - SR
**Dia 28 - Sábado**
Duarte - SP
Rodrigues Silva - SP
S. José - SR
**Dia 29 - Domingo**
M. Nazaré - SP
Universal - SP
Estádio - SR
**Dia 30 - Segunda–feira**
Cruz Viegas - SP
Paiva - SP
Baptista - SR

O Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA não se responsabiliza por eventuais alterações.

## Contactos importantes

Associação Académica de Coimbra - 239 410 400/30
Bombeiros Sapadores de Coimbra - 239 792 800
Bombeiros Voluntários de Coimbra - 239 822 323
Gabinete de Apoio ao Estudante - 239 410 434
Governo Civil - 239 852 800
Guarda Nacional Republicana - 239 482 085
Hospital dos Covões - 239 800 100
Hospital Pediátrico de Coimbra - 239 480 300
Hospital Sobral Cid - 239 796 400
Hospitais da Universidade de Coimbra - 239 400 400
Polícia de Segurança Pública - 239 822 022
Polícia Judiciária - 239 828 134
Protecção Civil - 239 481 260
Rádio Universidade de Coimbra - 239 410 419
Região de Turismo do Centro - 239 855 930
SOS Número Nacional de Socorro - 112
SOS Estudante - 239 410 446
Teatro Académico de Gil Vicente - 239 855 630

A CABRA dá algumas dicas de como passar um melhor Natal

# É Natal, é Natal...

Como todas as festas religiosas, o Natal é rico em símbolos e misticismo. No entanto, além da vertente-cristã, foi também da apropriação e da amálgama de festividades pagãs que surgiu esta festividade, como forma de fazer os não–cristãos aderirem ao cristianismo. Desta forma, durante o decorrer dos séculos, um significante número de costumes e tradições foi emergindo para fazer com que o Natal seja, hoje, a época mais colorida e festiva do ano. No entanto, poucos são aqueles que conhecem as origens e significados.desta grande celebração.

Provavelmente, o mais difundido costume desta época é a troca de presentes, frequentemente associada à figura do Pai Natal. A lenda do bom velhinho foi inspirada numa pessoa verdadeira: São Nicolau, que viveu há muitos séculos atrás em Patara, no Sudoeste da costa da Ásia Menor onde é hoje a Turquia. Ainda jovem tornou–se bispo e durante o período da perseguição aos Cristãos pelo imperador Dioclécio, foi preso. Posteriormente, foi libertado por Constantino, o Grande.

A transformação de São Nicolau em Pai Natal começou na Alemanha, no seio das igrejas protestantes, com a sua imagem a ficar definitivamente associada às festividades do Natal e às costumeiras trocas de presentes do dia 6 de Dezembro (dia de São Nicolau). Todos os milagres que são atribuídos a este santo estão mesmo associados à doação de presentes. Além de ter sido escolhido como o santo patrono da Rússia e da Grécia, São Nicolau é também o patrono das crianças e dos marinheiros.

Um dos símbolos mais comuns do Natal dos países católicos é a reprodução do cenário onde Cristo nasceu: uma manjedoura, animais, pastores, os três reis Magos, Maria, José e o menino Jesus. O costume de montar presépios surgiu com São Francisco de Assis, que pediu a um homem chamado Giovanni Villita que criasse o primeiro.

Além destes, outros costumes da consoada ocidental são a árvore de Natal, as luzes, a troca de cartões, a boa e farta mesa de comida e bebida e as canções natalícias. A mesa, geralmente, é farta com iguarias raras. As frutas secas, de origem europeia, dão um sabor diferente à ceia. São nozes, castanhas, amêndoas, avelãs, figos secos, já sem falar dos bons vinhos.

No centro da mesa são colocadas velas e enfeites natalícios. No mesmo ambiente vê–se também a árvore de Natal, com bolas multicolores e lâmpadas em forma de velas que, iluminadas, dão um ar festivo e aconchegante à cena.

Desta forma, pode sentir–se, quando o dia 25 se aproxima, uma certa ternura que envolve todas as pessoas e o ar carregado de uma grande expectativa. O Natal cultiva nas pessoas sentimentos muitas vezes esquecidos. Entre emoções, recordam–se os ausentes e os que se foram para sempre. Os pensamentos voam distantes, relembrando os entes mais queridos. A amizade e o lado bom do ser humano é exaltado em palavras carinhosas e cheias de virtudes, entre abraços, sorrisos e beijos, onde não faltam lágrimas de emoção ou de evocação.

## Perfil do Pai Natal

### E na véspera de Natal...

**Quem é afinal o Pai Natal? A CABRA foi descobrir o velhinho barbudo que, anualmente, prepara as suas renas para a odisseia anual pelos céus, espalhando felicidade por todas as crianças do mundo.**

O Pai Natal não foi sempre assim. Nascido há 1722 anos na Ásia Menor, São Nicolau era um bispo cristão que dava presentes aos mais necessitados. Durante a Reforma, Lutero tentou ilegalizar o dia deste santo, comemorado a 6 de Dezembro, mas os seus apoiantes mudaram-lhe apenas o nome para ***Père Noêl, Sinte Klaas***, ***Weinachtsmann*** ou ***Pai Natal.***



Então, em 1931, a sua imagem mudou quando fez um anúncio para a ***Coca Cola.*** O Pai Natal prefere leite, claro, mas adorou o seu novo "look" e é assim que o mantém.

Alguns anos mais tarde, constou-se que o Pai Natal estaria a viver na montanha Korvatunturi na fronteira russo-finlandesa, inspirando as agências de viagens a levar as crianças a vê-lo em pessoa. Tudo muito lisonjeiro para o Pai Natal, mas este não se distrai daquilo que melhor sabe fazer: andar de um lado para o outro, na véspera de Natal a dar presentes às crianças bem comportadas.

***E outra coisa...***
*A sua frota de renas liderada por* ***Rudolfo*** *Nariz Vermelho, é composta por* ***Dasher*** *e* ***Dancer, Prancer*** *e* ***Vixen, Comet*** *e* ***Cupid***, *e* ***Donner*** *e* ***Blitzen.***

### Os factos

| | |
|---|---|
| *Nascimento:* | **Patara,** na actual Turquia em 280 d.C. |
| *O pior:* | Enquanto bispo cristão esteve preso sob as ordens do imperador ***Dioclécio*** |
| *O melhor:* | Está no topo das preferências das crianças |
| *Ambições:* | Fazer as crianças felizes e promover a paz |



© GRAPHIC NEWS

## Bem-vindo ao sistema de pesagem do Natal



**Lá por ser época festiva, não quer dizer que se comer mais não vá ganhar peso. Durante o jantar de Natal, ao regalar-se com as tradicionais iguarias, o seu peso pode aumentar em um kilograma, já que ingere cerca de 3000 calorias. Confira:**

| Ementa Festiva | Calorias |
|---|---|
| **Entradas** | 200 |
| **Perú assado** | 300 |
| **Recheio do perú** | 80 |
| **Rolos de bacon (2)** | 100 |
| **Salcichas (2)** | 120 |
| **Batatas assadas (3)** | 250 |
| **Vegetais** | 120 |
| **Cenouras em molho manteiga** | 140 |
| **molho de frutos (1 concha)** | 50 |
| **Molho de pão** | 50 |
| **Molho de carne** | 30 |
| **Pudim de ovos (fatia)** | 250 |
| **Leite creme** | 120 |
| **Tarte de frutos secos** | 150 |
| **Bolo de Mel** | 150 |
| Álcool | |
| 2 copos de ponche | 150 |
| 4 copos de vinho branco seco | 400 |
| 1 copo de champanhe | 100 |
| 1 cálice de vinho do Porto | 75 |
| Calorias ingeridas | 2,835 |

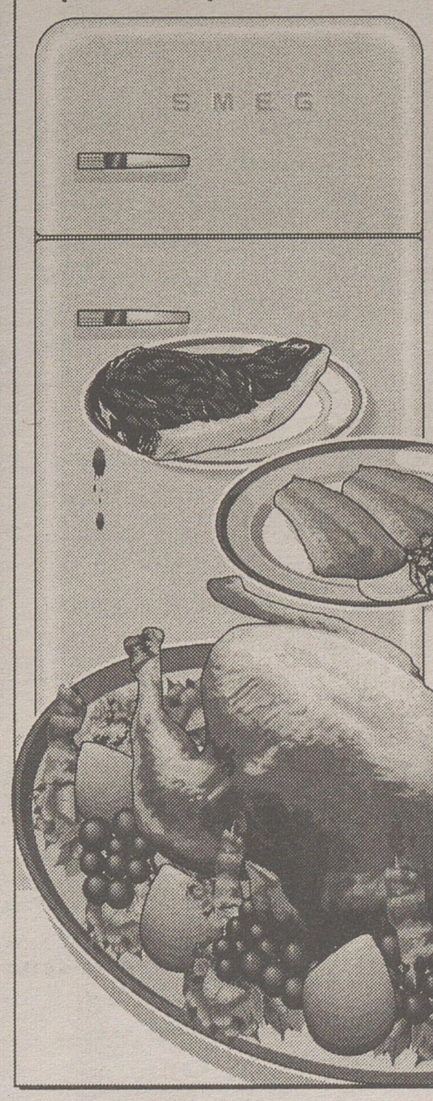
**Se não resiste às calorias, então é tempo de combater a gordura.**

| | tempo preciso |
|---|---|
| **Brincar na neve** | **3 horas** |
| Escalar rochas | 3 hrs 20 mins |
| **Andar de patins** | **4 hrs 54 mins** |
| Fazer ski | 5 hrs 20 mins |
| **Jogar futebol** | **5 hrs 40 mins** |
| Dançar | 7 hrs 40 mins |
| **Lida da casa** | **9 hrs 50 mins** |
| Jogar golfe | 10 hrs 15 mins |
| **Sexo** | **16 hrs 30 mins** |
| **Fazer compras** | 18 hrs 50 mins |

© GRAPHIC NEWS

## Não arrisque uma intoxicação alimentar este Natal

**Tradicionalmente, os familiares e amigos juntam-se para celebrar o Natal. Isto significa que a comida tem que ser armazenada e preparada com alguma antecedência. Uma boa higiene na cozinha é essencial para que todos possam desfrutar do festim sem correr riscos para a saúde.**




1. Assegure-se que, tanto no frigorífico, como no congelador, tem espaço suficiente para manter a comida fresca e bem acondicionada.

2. **Armazene as carnes cruas e o peixe na prateleira de baixo para evitar que pinguem sobre os outros alimentos.**

3. Não encha o frigorífico só com comida, para que lhe reste espaço para as bebidas.

4. **Descongele o perú antes de o cozinhar. Qualquer sinal de gelo denota que a ave ainda está congelada.**

5. Certifique-se que o centro da carne está bem cozinhado.

6. **Lave as mãos, especialmente depois de mexer em alimentos crus e nos seus animais.**




© GRAPHIC NEWS

## A ESTRADA CURVA
JORGE VAZ NANDE

# Bis

**1.** Há já quase um mês que as ruas estão enfeitadas com luzes que piscam e piscam, que as montras se cobriram de musgo fingido e presépios dourados, que há bolinhas prateadas e fitas brilhantes suspensas por todo o lado, e também dentro das nossas cabeças, que isto agarra–se e cola–se e fica lá. Nalguns balcões aparecem também caixinhas de cartolina com papéis colados, feliz natal e próspero ano novo desejam os empregados deste estabelecimento, uma simpatia. Nas lojas para crianças, irrompem pais natais e renas e essas coisas todas vermelhas e quentes que lembram neve e serões à lareira.

É verdade, dantes era diferente. O meu dantes ou o nosso dantes (mesmo que aqui nosso não seja muito diferente do meu e do teu e do dela e do dele todos juntos)? Lembro–me de como havia segredo. A parte de que mais gostava era aquela em que o pai natal chegava. Eu ficava na cozinha com os meus avós e a minha mãe, os estômagos consolados da ceia e as luzes apagadas, enquanto o meu pai ia à sala falar com o velho de barba branca. E, nisto tudo, havia um espaço de silêncio que eu não conseguia controlar e em que se julgava a minha esperança e a minha recompensa ou castigo. Como num filme, estava eu, estava o que se passava e estava o que imaginava do que se passava. Ou seja, foi no escuro dos natais antigos que aprendi pela primeira vez a ver. E as coisas agora são demasiado claras para poder voltar a fazê–lo tão bem.

**2.** Ontem, às onze e quarenta da noite, a minha vida completou os seus vinte e dois anos de duração. Às onze e quarenta do dia dezasseis de dezembro de mil novecentos e oitenta, chorei porque não sabia descrever com palavras exactas a extrema vertigem com que senti pela primeira vez o frio do ar na cara. E chorei porque estava solto de tudo e, de repente, era eu e estava ali e não podia sequer pensar sobre isso, porque estava em branco, como uma vela à espera que a acendam.

Não sei se um aniversário é só uma efeméride sem importância, apenas mais um modo de colorir o que somos, uma desculpa para nos celebrarmos a nós e ao nosso lastro (que não é mais do que aquilo que nos estabiliza em rota). Dos treze para o catorze, dos quinze para os dezasseis, nesse tempo faz–se anos e sente–se algo a mexer por dentro da pele. Mas eu vou ser sincero: hoje é na verdade domingo e o ontem do vós que ledes é o amanhã de eu a escrever. Lido, tenho vinte e dois anos; escrito, ainda tenho vinte e um. De uma maneira ou de outra, sinto–me igual. Ainda em branco como uma vela? Muito obrigado, não me posso queixar.




Universidades públicas de Itália à deriva

# Reitores batem com a porta

**Descontentes com os cortes previstos no orçamento de 2003 para o financiamento das universidades, os reitores demitiram–se em bloco.**

CARINA VALÉRIO

Os 72 reitores das universidades públicas italianas demitiram–se devido aos cortes relativos ao Ensino Superior previstos no orçamento de 2003, que consideram ser "intoleráveis". A situação imprevista lançou já a preocupação entre os elementos do executivo de Silvio Berlusconi.

Esta decisão foi comunicada na terça–feira passada à ministra da Educação, Letizia Moratti. Na carta enviada, os responsáveis pelas universidades denunciam "a impossibilidade de garantir no ano de 2003, os serviços essenciais de formação e investigação". Os reitores afirmam ainda que a quebra no financiamento põe em perigo os salários dos professores e pode mesmo levar as universidades a ter de reduzir a investigação e os serviços prestados à comunidade estudantil.

O presidente do Conselho de Reitores das Universidades Italianas (CRUI), Piero Tosi, explicou que esta é "uma medida extrema para protestar contra os cortes intoleráveis previstos no orçamento, para o sistema universitário e para a investigação".

No orçamento apresentado para o próximo ano, as universidades italianas viram as verbas para o seu financiamento, que havia sido de 6229 milhões de euros o ano passado, serem reduzidas para apenas 6030 milhões. Piero Tosi sublinha que "o país tem que tomar consciência da gravidade da situação", visto que "as universidades estão à beira da ruína" e se o Governo não mudar a sua atitude "não poderão sobreviver mais de dois ou três anos".

O presidente do CRUI assegurou também que, se o Governo não voltar atrás na política adoptada para o Ensino Superior, outras formas de protesto serão brevemente levadas a cabo para impedir a deterioração da qualidade do ensino universitário. Desta forma, aponta como exemplos possíveis de futuras acções a "interrupção dos serviços lectivos e de investigação".

Os efeitos negativos causados pela demissão dos reitores não tardaram em fazer-se sentir, o que obrigou o executivo a intervir de imediato. O Ministério da Economia e Finanças encara esta decisão como sendo "intempestiva e inoportuna", mas afirma que "o projecto de orçamento ainda não foi definitivamente aprovado", o que permite que venha a ser proposto no Senado "um financiamento adequado para o normal funcionamento das universidades", procurando assim atenuar a situação caricata e acalmar a onda de contestação actualmente verificada.




Letizia Moratti, ministra da Educação

# AEAP com novo presidente

**Encontrar um espaço próprio para poder dinamizar a comunidade estudantil angolana em Coimbra é o principal objectivo da nova direcção de Coimbra da Associação de Estudantes Angolanos em Portugal. O novo corpo directivo quer ajudar estes estudantes a combater os principais problemas com que se defrontam durante o seu percurso académico.**

CECÍLIA SANTOS

A Direcção Regional de Coimbra da Associação de Estudantes Angolanos em Portugal (AEAP) elegeu no dia 7 deste mês um novo corpo directivo. Mário Rui, estudante do sexto ano de Medicina na Universidade de Coimbra, lidera agora o novo grupo de trabalho.

A AEAP tem a sua sede em Lisboa, mas conta com direcções regionais em Coimbra, Braga, Porto, Évora, Aveiro e Viseu. Em Coimbra, a AEAP tem já mais de dez anos de trabalho e neste momento o seu principal problema é a falta de um espaço próprio onde possa desenvolver as suas actividades. Pontualmente, a associação pede as salas da Associação Académica de Coimbra para reunir os seus sócios, de forma a dar continuidade às actividades de carácter desportivo, recreativo e cultural. O financiamento destas iniciativas é feito através de apoios pontuais de instituições e empresas privadas, mas a falta de subsídios permanentes constitui um dos principais obstáculos que a nova direcção vai tentar combater.

Além de um espaço próprio para sediar a associação em Coimbra, o novo corpo directivo propõe–se a combater os principais problemas dos seus sócios, cerca de 350 estudantes de origem angolana que frequentam em Coimbra não apenas cursos superiores, mas também o ensino secundário, cursos técnico–profissionais e pós–graduações.

As principais dificuldades da comunidade estudantil angolana traduzem–se, neste momento, em problemas de cariz financeiro, dada a irregularidade das bolsas que recebem do seu país natal, e também numa elevada taxa de insucesso escolar.

